O MALHO

ANNO XXXV NUMERO 141
15-Fevereiro-1936 Preço 1$200

O MALHO
Propriedade da S. A. O MALHO
Director: Antonio A. de Souza e Silva
Assignaturas: { Annual . . . . . . 60$000 / Semestral . . . . . 30$000
Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34
Teleph. { 23-4422 / 22-8073 CAIXA POSTAL 880
RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

PRECISA-SE DE UMA AMA DE LEITE

Versos de Luiz Peixoto —Illustração de Théo

A MULHER É UM MAL OU UM BEM?

Chronica de Oscar Lopes —Illustração de Fragusto

GLORIA OBSCURA

Conto de Carlos Rubens Illustração de P. Amaral.

BALLADA DO CARNAVAL

Poesia de Oswaldo Santiago — Illustração de Thessau.

JÁ NÃO SOU MAIS GORDO

Chronica de Nênê Macaggi—Illustração de P. Amaral.

PENSAMENTOS

Por Berilo Neves.—Illustração de Théo.

COLOMBINA MODERNA

Chronica de Flexa Ribeiro—Illustração de P. Amaral.

●

SECÇÕES DO COSTUME

SENHORA

DE TUDO UM POUCO
Por Sorcière

PARA A GALERIA DOS "FANS"
Por Mario Nunes

BROADCASTING EM REVISTA
Por Oswaldo Santiago

Nem todos sabem que . . . — Carta enigmatica e palavras cruzadas — Caixa d'O MALHO.

CONCURSO ALBUM DE ARTE E LITERATURA

Hoje publicamos o coupon n. 14, e a esse numero corresponde a pagina que o leitor achará no interior da revista, intitulada *Christo e as mulheres*, assignada pelo nosso collaborador Oswaldo Orico e illustrada delicadamente por Paulo Amaral.

Aquelle coupon deverá occupar o logar que lhe está destinado no mappa, que deverá ser apresentado no final do certamen com todos elles collados, inclusive os que vêm apparecendo cada mez na 2ª pagina de MODA E BORDADO que, como se sabe, foi a revista que, em collaboração com O MALHO, lançou o concurso que tanto successo vae tendo.

❖ ❖ ❖

São em numero de 300, os premios a serem sorteados entre os colleccionadores dos coupons do CONCURSO ALBUM DE ARTE E LITERATURA, e os mais variados.

O valor total desses premios attinge a importancia de cento e quatorze contos de réis. Qualquer delles que tomemos ao acaso representa um verdadeiro estimulo ao colleccionador. Veja-se, por exemplo, o 75º premio, esse bellissimo *harmonium*, ou *sanfona*, de reputada marca allemã. Do Norte ao Sul do paiz é conhecido e apreciado esse instrumento, que faz o encanto das noites enluaradas e anima os bailes gostosos... Esse cuja photographia reproduzimos, premio n. 75, tem o valor de 250$000.

75º *Premio — Valor* 250$000

Oswaldo Orico, a quem devemos a bella pagina de hoje do ALBUM DE ARTE E LITERATURA —, nasceu no Pará, na cidade de Belém. Fez seus estudos de primeiras letras no Instituto Amazonico e iniciou logo após o curso de humanidades no Gymnasio Paes de Carvalho.

Iniciou-se cedo nas letras, desde os tempos em que começou o curso de Direito na Faculdade de Belém. Por motivos politicos, interrompeu esse curso, vindo terminal-o na Capital da Republica.

Em 1925 foi laureado pela Academia B. de Letras com um livro sobre o melhor meio de disseminar o ensino primario no Brasil. Tem desempenhado varios cargos publicos, inclusive Director da Instrucção Publica do Districto Federal sendo actualmente Secretario da Educação do Estado do Pará.

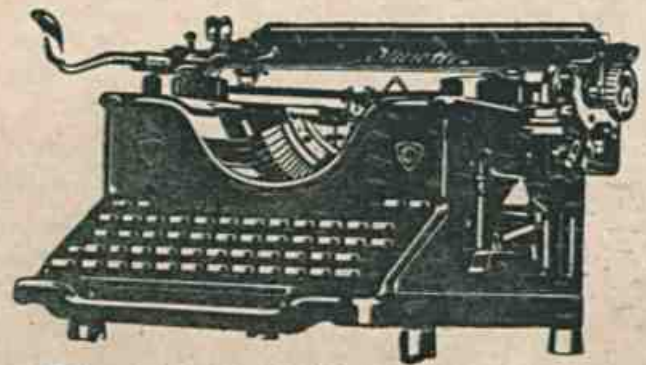
Jornalista de meritos consagrados, tem uma vasta producção literaria, da qual se destacam: "O demonio da Regencia", "O condestavel do Imperio", "Patrocinio" e "Silveira Martins e a sua época".

Recentemente obteve o 1º premio em um concurso promovido pelo Touring Club para o melhor livro de viagem pelo Brasil.

A capa do ALBUM é para distribuição gratuita.

Os leitores do interior que tiverem difficuldade em adquiril-a poderão recebel-a, desde que nos enviem a importancia de 1$000 em sellos, para as despesas de porte do Correio, assim como temos em nosso escriptorio, á Travessa do Ouvidor, 34, exemplares d'O MALHO e MODA E BORDADO que trazem os "coupons" ns. 1 a 13, para venda avulsa.

A DAMA DAS CAMELIAS

A Dama das Camelias de 1935 foi a actriz franceza Madeleine Soria que, em outubro, no Theatro Sarah Bernhardt, de Paris, levantou um enorme successo, ao lado de Roger Gaillard, o ultimo Armando Duval, e de Jean Reynolds, Lucienne Givry, Suzette Comte e Madeleine Thomas. A peça de Alexandre Dumas filho, que tantos admiradores ainda conta hoje em dia, foi levada pela primeira vez em 1852, cabendo o papel da interprete principal a uma artista que era, ao que revelou a critica parisiense do tempo, "uma verdadeira seducção, que narrava a triste vida de Marguerite Gautier com uma voz natural, um tom sincero e gestos simples". As melhores incarnações da heroina de Dumas foram obtidas por Sarah Bernhardt, Germaine Dermoz, Maria Melato, no estrangeiro, e por Lucilia Peres e Italia Fausto, no Brasil.

FÓRA DE FÓRMA...

As leis, no Brasil, sempre tiveram affinidades com as modas: ficam no cartaz durante uma temporada apenas...

Assim tem succedido com varios textos legislados sob o influxo de idéas opportunas, em determinados momentos, mas que depois, com o uso vão perdendo esse dom temporal.

E' o caso, com certeza, de um famoso rgulamento da Repartição de Correios e Telegraphos, disciplinando as actividades das nossas estações de radio.

Nelle se cogitava da applicação de multas ás emissoras que transmittissem mais de uns tantos annuncios por numero irradiado e durante dois ou tres mezes os jornaes noticiaram os castigos recebidos pelas transgressoras.

Depois, como que por encanto, os controladores officiaes não deram mais signal de vida...

As estações, no intervallo de um breve trecho musical, esguicham seis, sete, oito annuncios longos algumas recalcitaram em não citar autores e os homens do governo dormem a somno solto, cousa justificavel, aliás, em quem tem de ouvir radio...

Será que o regulamento foi derrogado?

Ou será que algum "pistolão" interveiu para acabar com as exigencias inquietadoras da Repartição de Correios e Telegraphos?

O. S.

—o—

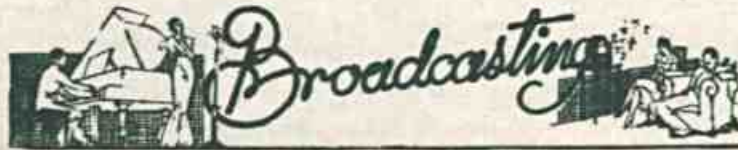
MUSICAS DE CARNAVAL

Alzirinha Camargo fez do samba "Escola do amor" de Walfrido Silva, um dos seus successos na "Tupy" e no "Casino Atlantico".

—o—

Moacyr Bueno Rocha tem agradado em cheio cantando as marchinhas mais delicadas do Carnaval de 1936. "Tu mereces um beijo", cuja gravação ficou tão fraca, ganha cem por cento quando elle a canta no "Casé".

—o—

Aurora Miranda não gravou nada que agradasse, até agora.

O SPEAKER DO "CASE"

O "Programma Casé" tem sido uma fonte reveladora de artistas do nosso radio. E não só de artistas-cantores. De artistas-speakers, tambem, como no caso actual de Lauro Borges. Ninguem tinha notado, ainda os seus meritos de locutor discreto e efficiente. Foi preciso que o Casé tomasse conta do rapaz e o apresentasse á cidade que o escuta todos os domingos. Lauro Borges é, de então para cá, uma figura querida nos arraiaes radiophonicos impondo-se á admiração e á estima de todos.

AS DUPLAS DA CIDADE

Entre os sambas que estão querendo "desacatar" os foliões cariocas, figura "Si o morro não descer", que acaba de ser lançado pelos radios da metropole. São seus autores Herivelto Martins, cantor e compositor e Darcy de Oliveira, os quaes formam uma dupla respeitavel, como outras que existem no nosso ambiente. "Si o samba não descer" é uma ameaça que não está soando bem no ouvido de muita gente...

OS PLAGIOS DE 1935

Talvez tenha sido 1936 o anno em que appareceu mais musica de carnaval plagiando ou aproveitando melodias estrangeiras.

Façamos uma relação:

— "Cadencia" é uma repetição de "Valencia", a celebre marcha de D. José Padilla, que Nássara e Lamartine Babo "verteram" para o brasileiro...

— Vem, meu amor" copiada integralmente da valsa "Patinadores", de Wandentfel, está assignada por tres compositores populares: João de Barro, Delso Carlos e Alcebiades Barcellos...

— "A. M. E. I." é outra investida contra as arias de operas celebres. Nássara, dessa vez, desprezou Lamartine Babo e fez parceria com Puccini, o autor da "Tosca"...

— Ary Barroso transformou o lindo fox "Eu nunca tive chance" no samba "Volta para mim". Bem que o autor do fox se queixa da sua falta de chance...

— Batendo o record das compilações deste anno temos de novo Antonio Nássara importando melodias. "Uma porta e um janella", fado com que Manoel Monteiro deliciou não só a "colonia", como tambem os brasileiros, não escapou ao seu talento assimilador...

— O compositor Vicente Paiva tambem commetteu o seu peccadinho, fazendo uma citação de um trecho do "Oh ai, oh linda", na marcha "Cá estou eu, morena!"

Si fossemos, então, falar nos encontros de phrases, nas semelhanças de motivos, seria um nunca acabar!

Muito pouca cousa escaparia.

Mas será que a inspiração dos nossos compositores está se exgottando ou será que a falta de escrupulo esteja dominando as suas actividades?

Seja como fôr, o anno de 1936 nos annaes da musica carnavalesca poderá ser lembrado como o anno dos plagios e da lei do menor esforço.

O que vale é que ha, como sempre, algumas excepções que estão procurando salvar a regra...

JOÃO CAMARADA

O RIO DE HOJE E DE HA 30 ANNOS...

Veja na "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA do proximo dia 15 a interessante reportagem sobre esse assumpto.

JULITA PEREZ DA FONSECA — *Meio-soprano do elenco de exclusivos da Radio Record de São Paulo. Linda voz e grande sentimento de artista.*

A vendagem de musicas carnavalescas

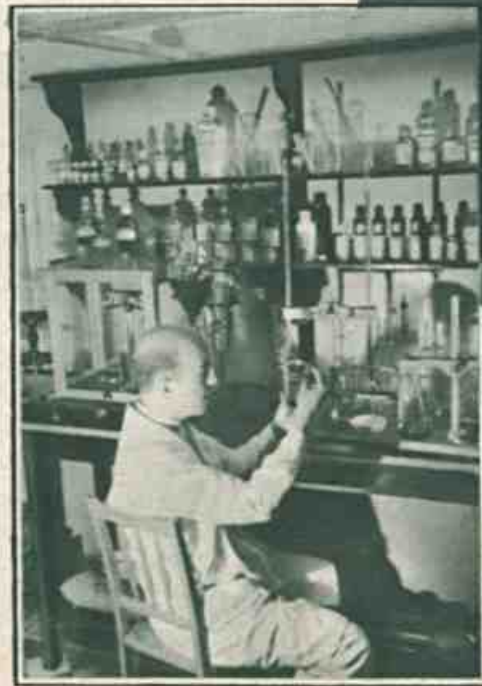
A melhor maneira de se avaliar o successo das musicas de Carnaval ainda é saber a intensidade do seu movimento de vendas.

Não é que esse meio seja proprio para deduzir da qualidade das composições, pois as melhores, do ponto de vista musical ou literario, são, ás vezes, as menos commerciaes.

Mas, não resta a menor duvida, em se tratando de producções carnavalescas, que a popularidade é o fim collimado por todas ellas, e que a popularidade tem a vendagem como consequencia. Vejamos, portanto, quaes as musicas que estão interessando ao publico comprador de partes de piano. Das marchas, o primeiro logar cabe a "Querido Adão", de Benedicto Lacerda e Oswaldo Santiago, que caminha para a casa dos 4.000. Em 2º logar, "Pierrot apaixonado", de Heitor dos Prazeres e Noel Rosa, com cerca de 3.000.

Em 3º logar, a "Marchinha do Grande Gallo", de Paulo Barbosa e Lamartine Babo; "Teu passarinho", de J. F. de Freitas e J. B. A.; "Carnaval é Rei", de Antenogenes Silva e E. Campos; "Na hora H", de Walfrido Silva e Alcyr Pires Vermelho; e "Samaritana", de B. Lacerda e Herivelto Martins, todas ellas oscillando entre 1.500 e 2.000 exemplares.

"Olé, Carmen!", de Paulo Barbosa; "Quizera amal-a", de Luiz Barbosa e Nássara; "Quero uma cachopa" e "Ganhou mas não leva", de Benedicto Lacerda e Milton Amaral; "A casa della", de Ary Barroso; "Oh, oh, oh, não!", de A. Almeida e A. Godinho; "Cadê Mimi?", de João de Barro e A. Ribeiro; "Você ainda não me deu" e "Coração na bocca", de O. Santiago; "Cá estou eu, morena", de Vicente Paiva, occupam um 4º logar, variando entre meio e um milheiro.

Dos sambas, "As lagrimas rolavam", de Kid Pepe e Germano Augusto, vem em 1º logar, com perto de 2.000, juntamente com "Palpite infeliz" de Noel Rosa, que tambem anda por ahi. Em 2º logar, "Vae-te embora", de Nônô e Mattoso, com cerca de 1.000 exemplares, "Vem, meu amor", de João de Barro, Delso Carlos e A. Barcellos; "A infelicidade me persegue", de Assis Valente; e "Na virada da montanha", de Ary Barroso e Lamartine Babo, occupam um terceiro logar, entre meio e um milheiro. São estes, até agora, os dados que pudemos colher quanto á vendagem de musica-papel, não se podendo fazer nenhum juizo, ainda, quanto a discos.

Notas fóra da clave

Em artigo no JORNAL DO BRASIL de 30 do mez findo, na secção "Radio telephonia", o brilhante homem de letras que é Benjamim Lima, escreveu uma nota sobre o redactor desta pagina, Oswaldo Santiago, tecendo elogios á sua actuação em prol da melhoria dos versos das canções carnavalescas.

Destacou, entre todas as composições de 1936, a marcha "Querido Adão", estendendo a Benedicto Lacerda os louvores a que elle tem direito como grande musicista que é, innegavelmente.

A Benjamim Lima, cuja penna está sempre a serviço da sinceridade, agradecemos as expressões com que distinguiu o redactor desta pagina e que lhe hão servir, de certo, de estimulo e incentivo para as futuras realizações.

Nem Todos Sabem Que...

NUM curioso livro, "Voyages aux sources du São Francisco", editado em Paris, o sabio Saint-Hilaire, que excursionou longo tempo pelo Brasil, para recreio do espirito, descreve a Procissão de Cinzas que se realizou em 1818 em São João d'El-Rey (Minas) e foi organizada pela Confraria de São Francisco. O povo em massa assistiu á passagem dos andores (13) e ajoelhava-se de instantes a instantes. Havia bastante tempo que os habitantes da antiga cidade estavam privados de semelhantes solemnidades.

+

EM nosso Continente ha uma especie de gato que é desconhecida nos paizes estrangeiros, pois é exclusivamente sul-americana. E' o gato chamado colocolo. E' de dimensões regulares, menor que o gato domestico. E' cinzento claro, tendo riscas atravessadas no lombo; ventre branco, cauda cinzenta, com anneis pretos. O unico exemplar existente, na Europa, de colocolo acha-se numa das salas do Museu de Milão. O nome latino desse bichano raro é "felis Jacobita". E por falar em gato: este felino gosava, na antiguidade, de uma veneração sem limites, a ponto de ser venerado como deus. Ao morrer um gato, os Egypcios raspavam as sobrancelhas e, depois, o embalsamavam. Nos cemiterios de Bubartis e Beni Haran são conservadas mumias de gatos sagrados. O deus Ptah, entre outros, era representado tendo a cabeça de gato.

+

EM consequencia de uma operação melindrosa, falleceu em Vienna, na edade de 54 annos, o compositor Alban Berg. Discipulo de Arnold Schoenberg, adoptou a escriptura atonal, mercê da qual elle augmentava, pela liberdade de uma harmonia baseada no chromatismo, sua escala de expressão. Darius Milhaud, que é nosso conhecido, referindo-se a Alban, diz que sua musica é sensivel, terna e humana, lembrando, ás vezes, harmonias debussystas. De suas musicas de camera destacam-se "Suite lyrique" e um "Concerto", e de suas operas "Wozzek", creada no "Opera" de Berlim e cantada, a seguir, em quasi todos os palcos allemães, viennenses, belgas, francezes e americanos. Berg deixa uma opera posthuma: "Lulu".

Caixa d'O Malho

L. B. A. (Palma) — Não em bastante graça para merecer publicação, embora possúa outras qualidades. Disponho de muito pouco espaço, de modo que sou obrigado a realizar uma selecção cada vez mais rigorosa nas collaborações enviadas para cá. Eis porque a sua ficou de fóra.

AFRANIO LICINIO DE MIRANDA (Uberaba) — V. sabe fazer sonetos, mas foi infeliz na escolha dos que me enviou. No "O Britador", os quartetos têm rimas agudas, sem correspondencia nos tercetos. Em "Olhos japonezes", além de muitos logares communs, V. evoca o Japão, cerejeiras, kiosques, Kioto, Saknishine e "corpos de neve envoltos no kimono". Porque "corpos de n e v e"? Corpos amarellos, côr de qualquer coisa, amarella — ambar ou marfim velho — é que seria logico evocar. O soneto "Immigrante" termina rimando *christã* com *Oberammergan*. Mas o diabo é que a palavra não é Oberammergan e sim Oberammergau. V. poderia rimal-a com *vau*. Eu encontrei outra rima ainda melhor, cascando-lhe o *pau*...

DAN (Bello Horizonte) — Lamento que a sua estréa seja tão pouco auspiciosa. Seu trabalho não tem o menor merito literario.

FAUSTO (Rio Tinto) — Nunca vi fazer tanto rodeio para mandar versos tão ordinarios. Estes aqui são dos que merecem estar numa anthologia de disparates:

"O orvalho lindo divinal
Traz com o dia ainda jovial
A data apotheotica que me viu nascer
E nas campinas, como um vergel ingreme
Difficil de transpor os canteiros estreme
Pensava no dia que me vi morrer..."

Se é isso que V. encontrou de melhor no seu archivo, trate de pôr fogo nesse archivo, homem de Deus.

CARLOS FERREIRA (Rio de Janeiro) — Acho natural o seu desejo de collaborar n'O MALHO". Mas não com artigos dessa marca. Apure a forma, o estylo, a imaginação e volte em termos, que estou prompto a abrir-lhe as nossas portas.

FRANCISCO QUEIROZ (Rio) — Amolando? Em absoluto. Não creio que V. chegue jámais a escriptor, mas emquanto não perder as esperanças, pode continuar a mandar os seus rabiscos, que eu terei o maior prazer em lel-os e mandal-os para a cesta.

CARLOS GUERRA (Caruarú) — O menos defeituoso dos seus sonetos — "A Caruarú" — está cheio de logares communs e de expressões chulas. Exemplos: "E fascinas com garbo a toda a gente"... "Purificada com todo o vigor"... "E tudo que em ti vive sempre gosa"... Cada verso destes basta para inutilizar um soneto. Quanto aos outros, nem é bom falar. Veja, pelos seus proprios olhos: "Em vingança": "Tu *fostes* sombra *mal* no meu destino"... "*Por* caminhos longinquos e dispersos"... "E ouvirás dos meus labios que te *assiste*: Amei de mais, etc." Em "Ipojuca", o primeiro quarteto imita muito de perto aquelle famoso soneto que todo o Brasil sabe de cór: "Como a ave que torna ao ninho antigo". Além do mais este verso — "Passavam noites e passavam dias" — tem uma esquisita semelhança com este outro, de Felix Pacheco: "Marcavam noites e marcavam dias"... Como vê, não sobrou nada para publicar.

MIRANDA GOLIGNAC (Fortaleza) — Não chegou com a necessaria antecedencia para apanhar a edição de Carnaval. Demais, está um tanto fraco. A descripção do Carnaval cearense perde-se em generalidades e o enredo desfaz-se entre os dedos da gente.

M. DINIZ ARAUJO (Rio) — Tenho pouco espaço e muitas poesias para publicar. Vejo-me obrigado a seleccionar as collaborações em verso, com rigor crescente. Além do mais a sua poesia é muito longa.

ROBERIO GARCIA (Aracajú) — Podem-se aproveitar ambos. Mas não já. Tenho super-producção aqui.

JUCA (Botucatú) — Essas graves cogitações philosophicas, quando não trazem nada de novo e se limitam a phrases pomposas, não interessam. Nós nos contentamos com literatura. Já que philosophia não anda assim ao alcance de qualquer mão...

JOSE' LARANJEIRA (Nova Ponte) — O conto não tem pé, nem cabeça. Não posso aproveital-o.

SEDRUOL (Petropolis) — Seu conto está muito melhor do que os poemas anteriores, mas tem alguns defeitos de technica. A reportagem de Arlete é artificial: parece uma scena de opereta. Em logar de fazer da fascinação de Huguete um objecto de commentarios, seria mais interessante uma descripção directa e minuciosa desse conflicto psychico. Seu estylo é muito vivo e, com um pouco de treino, é possivel esperar uma pagina literaria apreciavel.

CARLOS LEAL (Bahia) — Não se surprehenda com a demora. A concurrencia, aqui, é um facto. "Tarde de chuva" fica aguardando espaço.

C. VADO (Alfenas — Minas) — Não é soneto, nem poesia: é uma allucinação erotica e nada mais. Em logar de escrever versos, ser-lhe-ia mais util tentar um tratamento pela psychanalyse. Freud, sabe?... A bom entendedor...

PAULO PORTO ALEGRE (Rio) — O soneto está assim, assim... Alguns logares communs e nenhum verso realmente bello. Falta de emoção e originalidade.

J. S. (Varginha) — Não sei como seriam as colheres de pau fabricadas por Você. Mas se, na sua fabricação V. tem tanta habilidade como na desova de versos, felicito a sua freguezia. "Declaração" e "Hoteleiro" esperarão um cantinho. Até lá, ha tempo para que mande o seu nome, se quizer substituir as iniciaes.

ALMA TRISTE (Victoria) — Triste não é sua alma. Triste é o seu poema:

"Batei mais leve, coração,
Não m'a acordeis!...
Não vedes que ella dorme?
Seu somno é breve...
Oh! Não m'a acordeis não!"

Por que V. não pede logo uma daquellas placas que a Inspectoria de Trafego colloca nas immediações dos hospitaes, com a inscripção: — "Silencio!" e o signal da Cruz Vermelha?

DR. CABUHY PITANGA NETO

ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA

Tudo o que o Brasil pode mostrar de apreciavel na immensa variedade das suas riquezas, paizagens, costumes, cultura, a "Illustração Brasileira" apresenta nas suas paginas magnificamente impressas.

ASSIGNATURAS

ANNUAL	35$000
SEMESTRAL (sob registro) . .	18$000
NUMERO AVULSO	3$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
TRAVESSA DO OUVIDOR, 34
CAIXA POSTAL 880 — RIO DE JANEIRO

O HOMEM PALLIDO

O homem chegou na barca, pallido, os olhos fundos, o lança-perfume sahindo do bolso do casaco:

— Olá!

— Boa noite!

O outro insistiu:

— Então, esplendida batalha, hein?

— E'...

— Você viu quanta gente?...

— E' verdade...

— O Carnaval vae ser animadissimo. Não acha?

— Acho...

O homem pallido olhou para o mar e todas as luzes da bahia que palpitavam dentro das trevas. E conservou-se mudo.

O outro, irrequieto, não parava no logar. Começou a descrever em altos brados, com grandes exclamações, a batalha, os ranchos, as creoulas, as melhores creoulas da noite!

— Você viu aquella bahiana fabulosa? Aquella vestida de verde?

O homem pallido não respondeu. Calado, tinha os olhos fixos sobre Nictheroy illuminada que se approximava.

— Você não viu a bahiana verde?

— Não... Não me lembro...

O outro soltou uma gargalhada:

— Ah! maroto! Você não se lembra de nada! Mas ainda traz, bem á vista, um lança-perfume e uma cara cansada pela orgia. Ah! patife!

Os olhos distantes, o homem não protestou. E apenas respondeu vagamente:

— E'...

—:o:—

Quando o homem pallido abriu a porta de seu quarto modesto, uma vozinha perguntou:

— Papaesinho?...

— Sim, minha filha!

— Você trouxe?

— Trouxe, meu amor...

— Deixa ver, papae...

O homem tirou, lentamente, o lança-perfume intacto.

E a vozinha disse:

— Oh! que belleza! Que perfume bom! Obrigado, papaesinho...

E o homem pallido sorriu pela primeira vez aquella noite, pensando, sem rancor, que, no dia seguinte e nas noites seguintes, elle deveria recomeçar o mesmo calvario no cubiculo da revisão do mesmo jornal...

Benjamin Costallat

Illustração de THÉO

Samba
DA MULATA

Eu gosto
De ouvir dizer
Que o meu mulato é bamba,
Que elle é do samba,
Da cachaça,
Mas seja lá como fôr,
Só sei é que elle por mim,
N'um frege lá no Mangue
Já deu o seu sangue
E que elle é
Mas é do amor!

—x—

As qualidades
Do malandro
Sobrejujam
Os defeitos que elle mostra
Quando faz certos "papé".
A carne é fraca,
A cabeça não ajuda,
Elle quer ganhar a vida
Mas o destino é que é "crué"

—x—

Carinho, tem elle o meu
Que dou por elle a vida,
Dou-lhe comida
E a roupa toda que elle traz —
Dinheiro, elle leva o meu.
Quando não leva empomba.
Do resto zomba . . .
Que é que elle póde querer mais?

LUIZ PEIXOTO

PESCARIAS.. PESCADORES...

WALTER SCHOUT
DESENHO DE FRAGUSTO

EU vi pescar a fisga. Eu vi buscar á tóca, nos grotões dos rochedos, um polvo gigante.

Ha cem annos passados devia ser assim tambem... E que encanto arrebatador tem tudo aquillo que está mais proximo da Natureza, distante da civilisação!

Eu vivi com os pescadores. Gente praeira, gente boa e feliz. Ha qualquer cousa de mais verdadeiro, de muito sincero e de maior nobreza na alma dos pescadores. Preciso se torna para prescrutal-a, no emtanto, confraternisar com elles, tomar parte na sua existencia, sentil-a, vivel-a. E é talvez por isso que os homens do mar, incomprehendidos, parecem dizer a nós outros como o poeta das "Canções":

— Não me entendeis, senhores! Nem eu vos entendo...

A feição personalissima do pescador, insubmisso, altivo, sem as commoções dessa hypocrisia dourada das civilisações, torna-o quasi incompativel com o homem da cidade. Dahi ficar sempre elle distante de nós cem annos na sua vida encantadora.

A terra, se o seduzir, como mulher faceira, amante de um dia, na tentação da doce mentira de um beijo, nunca ha-de fazel-o seu escravo. E o pescador em terra é nostalgico, tem a saudade do mar, passa horas inteiras a namorar, do cáes, o barco a distancia. Elle é livre e grande como o oceano. E o oceano é a "immensa patria sem fronteiras"...

—:—

Eu vi pescar nas aguas tranquillas das enseadas e em pleno oceano, na grimpa espumante das vagas revoltas.

Pescar em mar alto, mesmo como pescam os "poveiros", na pratica rudimentar de longos annos decorridos, não é assim tão simples como possa parecer. Não basta atirar ás aguas o anzol com o devido engodo á voracidade dos peixes. Para fazer-se a pesca em pleno oceano, é necessaria uma serie de conhecimentos que só a pratica de uma vida inteira de pescador ou o estudo dos assumptos de oceanographia nos podem ensinar. No mar tudo obedece a principios e leis muito complexas. As marés, sob a influencia das luas, todos os phenomenos cosmicos, o conhecimento da situação thermica das correntes marinhas, um mundo, emfim, de pequeninas cousas tem que ser levado em conta, não ignorado e observado. O pescador percebe tudo isso, é claro, pelo que aprendeu com o proprio mar, o céo, Natureza, emfim. Mas não erra.

Ninguem, profissional ou amador experiente, vae pescar sem consciencia segura do que deve fazer.

Além da linha e do anzol, manejam os pescadores, com os seus conhecimentos praticos de astronomia e nautica, e isto porque velejar em pleno oceano é tambem cousa difficil, com o que elles chamam o prumo. E' esse instrumento um peso de chumbo atado á extremidade de um fio, centenas de braças de "tucum", que deve alcançar o fundo dos "pesqueiros".

Na base desses pesos ha sempre uma porção de cêra, ou outra qualquer substancia semelhante, que trará, ao ser alçado, noticias do fundo do mar — se é elle rochoso, de lôdo ou de areia. Conhecido o fundo, sabe-se, então, a qualidade de peixe que ali existe. Os especimens que vivem no lôdo ou nos fundos de areia, não são eguaes áquelles que habitam as rochas e as "tócas" submarinas.

Só depois disso tudo sabido é que o anzol é "iscado", isto é, que se lhe dá o engôdo. Ha peixes fidalgos, como os grandes robalos e as garoupas, que só pegam em iscas vivas. Outros, são mais modestos. E' preciso saber-se ainda, conforme as luas, a temperatura das aguas, as horas das refeições dos habitantes do pesqueiro. Nem sempre o peixe, a não ser uma ou outra qualidade menos apreciavel, está disposto a alimentar-se. Brinca, então, diverte-se com a isca e o pescador e não "ferra".

Depende tudo ainda de coragem e habilidade. Quando o anzol, um grande anzol, preparado para isso, é tomado por um "méro", por exemplo, sempre voraz, a luta do homem com o peixe se torna perigosa e violentissima.

Sem ser em alto mar a pescaria do interior da bahia tem, outro tanto, os seus encantos, os seus perigos, e depende de habilidades curiosissimas. Quanto mais primitivo o processo, mais interessante. A pescaria do polvo e a que se faz a fisga são sensacionaes.

—:—

Eu vi pescar a fisga. Eu vi buscar á tóca, nos grotões, em mergulhos audazes, um polvo gigante...

A pescaria a fisga procede-se á noite, com o auxilio de um archote ou facho. O pescador escolhe as noites escuras, de calmaria e marés baixas. Sobe aos rochedos e, de lá, como é sabido vêr-se do alto melhor atravez das aguas, illumina a encosta das pedras e descobre, ao fundo, a presa cobiçada. Alveja-a. Com admiravel dextreza atira a fisga, que vae certa á cabeça do peixe. Tem ella na extremidade superior o "fiel", um linhote forte, pelo qual puxa o pescador o apparelho depois de arremessal-o, trazendo o pescado no pequeno arpão.

Quando o pescador a fisga vê um polvo, o caso é, porém, muito mais serio. Não se fisga o polvo. Pega-se a braço! O polvo fica nas "tócas" e só põe para fóra os seus tentaculos. Torna-se necessario ir buscal-o num mergulho, com grande coragem, habilidade e muito folego.

Mergulhando, o pescador sustenta-se a nado no fundo e entrega o braço esquerdo ao polvo, que o enlaça immediatamente, não o deixando mais. Tacteia com a mão direita, mettendo-a "tóca" a dentro, até alcançar o que elles chamam o "sacco". E' realmente um verdadeiro sacco que o polvo tem á altura do ventre, onde guarda um liquido negro e que o animal expelle, toldando a agua e prejudicando a visão dos outros peixes, quando se vê atacado. Seguro o sacco, puxa-o o pescador, esvasiando-o de todo o liquido, virando-o pelo avesso, num gesto rapido. O polvo perde de prompto as forças.

Só assim é possivel arrancal-o á "tóca", inoffensivo, tendo o polvo o tamanho que tiver. Do contrario, podem rebentar os tentaculos, mas jamais haverá forças humanas capazes de soltar o animal, trazel-o á tona. Nem sempre, é claro, a pescaria corre sem accidentes. Ella é por sua propria natureza tentadora sómente para os intrepidos e apaixonados pelo perigo.

—:—

No Norte ou no Sul o nosso homem do mar é um só typo, moral e sentimental, conservando intacta a sua alma sem jaça nos sentimentos dignificantes, no reflexo da bravura, do altruismo, da independencia que lhe vieram dos legitimos varões das brasileas terras primitivas. As leis que regem as suas attitudes, os seus impulsos, são as dictadas pelos proprios principios que os fizeram assim, unicos e admiraveis. Rebellam-se contra tudo que é imposição, mesmo quando se lhes acena com dias melhores que lhes permittam mais do que um rancho de palha de coqueiro e uma "cuia" de farinha.

Nas jangadas veleiras sulcando os verdes mares do Norte ou nas canôas velozes do Sul, ao impulso forte dos remos, o pescador é o mesmo sempre. E na sua pequena figura, calma, tranquilla, quasi nunca a estatura chegando além da mediana, descarnada, nervos só, pelle tostada pelo sol, ninguem lhe adivinha a resistencia herculea ás tempestades do mar e do... mundo, os feitos de heroismo de que todos elles teriam, se contassem, um rosario a desfiar.

Das jangadas que voltam á praia depois da procella ou das canôas que retornam ás corredeiras de terra, depois de ensinar o rumo a navegantes desgovernados, trazendo salvos aviadores perdidos, asas partidas pela borrasca, não se guardam os nomes na Historia. Mas nem por isso os factos deixarão de repetir-se. Sem que lhes glorifiquem, sem que lhes determinem deveres, os pescadores são assim. Sentinellas avançadas das nossas costas, conhecedores dos seus intimos segredos, elles serão sempre, tambem, ao toque de reunir, os nossos melhores marujos nas horas amargas da guerra!

E' no mar, na luta com as tempestades, onde o homem melhor tempera na forja da coragem, da audacia, os seus sentimentos nobres, de valentia, abnegação e renuncias. E soerguendo a sua alma, encouraça o seu corpo, faz de aço os seus musculos. E' forte e bom, valente e justiceiro, leal e fiel!

Cartazes berrantes

DECIDIDAMENTE o conselheiro ainda não se apressou de sahir da leal e heroica cidade tropical.

Sendo seus habitantes producto de tres raças tristes o paradoxo vem berrando no prazo de tres dias allucinantes quando se canta e ri todas as amarguras do anno inteiro. Ora pela musica, ora pelo verso sabem expandir tão bem a alma radiosa como o seu sol, que foram ficando conhecidos no mundo todo como os autores do melhor Carnaval da terra. Não satisfeitos, periodicamente ha os humoristas que pregam cartazes nos muros tristes da cidade alegre annunciando pleonasticamente que elles precisam brincar porque o mundo já sabe que ali os tres dias de folia não têm competidor. A propaganda que deveria partir nos transatlanticos e aviões para trazer os turistas ficou collada nos muros sujos...

Tambem tiveram a sorte de ser exportavel uma bebida que mesmo sendo de sobremesa conseguiu contrabalançar os choques delirantes do cambio maluco. E pelo mesmo processo confuso ainda apparecem folhetos e mesmo grandes columnas de periodicos mostrando claramente como a bebida negra é a melhor e mais pura, informando aos nativos que não devem importar a rubiacea de outros paizes revolucionarios. E seguem signaes luminosos contando que é pura invencionice o apparecimento lendario de reptis nas ruas centraes, e quando algum bufão mostra os pequeninos exemplares de jararaca, os matutinos e vespertinos nervosamente estampam **clichés** assustadiços affirmando que houve algum descuido!

E até para as caldeiras de Balzebuth appellam as almas crentes do Paraiso. Em vão se tenta mostrar aos dirigentes que o jogo é corruptor e que é feio até permittir que a imagem da montanha assista a tanta desgraça pelo panno verde assim como nos prados de grama verde: mas a voz autorizada do commerciante em assumptos internacionaes prova que o corruptor e rico viciado é estrangeiro e que, encontrando a cidade triste e deserta, só o jogo o distrahirá e o obrigará a deixar o ouro de que tanto se necessita para importar as manufacturas dos grandes paizes bellicos. Aliás a roleta e as variantes dos baralhos são coisa de gente civilisadissima; o que não convem é a indecencia da industria nacional com o malandro jogo-do-bicho em terra de gente honesta.

Têm de acabar nos jornalecos com os peditorios para as missões que vão envenenar os irmãos mais selvicolas tirando-lhes a saude, prendendo-os dentro de collarinhos estupidos e botinas quentes e ensinando-lhes que logo que forem civilisados pagarão impostos e esquecerão que a terra não lhes pertence mais porque é um bem commum!

Outros peditorios são para missões de gente que deseja acabar com os bandos sujos dos que se estendem nas ruas da capital do extranho paiz, para pedir esmola, expor miserias e retratar a grandeza do gigante.

E mesmo para bem dos turistas contentes com o azul da bahia convem não espantal-os com os bandos precatorios que de lata vasia pedem a esmola duma gotta d'agua. Essa gente suarenta e cansada de agua salgada que juizo ficaria fazendo dos simples preceitos hygienicos do tal povo tropical? Sabendo-se que em **Versailles** não havia o delicioso liquido e os **Bourbons** quasi sempre sahiam das **Tulherias** por causa das limpezas das fossas e outras coisas tristes e atrazadas da civilisação, o progresso tapuio não foi muito longe depois dos longos annos que o separam do radioso Luiz XIV.

E o calor, que continua sendo o maior logar commum dessa plaga dará aos estrangeiros sonhadores do torrido deserto de Danakil a imagem extranha e negra de Adis Abeba banhada pelo Atlantico.

Outros annuncios berrantes apparecerão, outras mascaras não prohibidas continuarão a ser exhibidas a peso de ouro; mas não sahirá da terra cheia de sol e de carnaval a figura circumspecta do funebre conselheiro, porque no fundo elle é um hypocrita. E a hypocrisia é eterna.

SEBASTIÃO FERNANDES

DIVAGANDO...

Por IRACEMA GUIMARÃES VILLELA

Paulo Lombard poz como epigraphe no seu romance, "O remorso", a celebre phrase que Eça de Queiroz gravou no "Mandarim":

"Se fosse preciso para vir a ser o rico herdeiro de um homem que a gente nunca tenha visto, e de quem nunca tivesse ouvido falar, e que habitasse no fundo da China, apertar um botão de campainha para o fazer morrer, qual de nós não apertaria esse botão?"

O grande escriptor portuguez não se gaba de ter inventado essa ideia, tampouco a apresenta como original ou rara, mas não deixa de ser curioso, como os francezes no seu egoismo patriotico a querem reivindicar sem consentir que alguem por sua vez a reclame tambem. E a proposito dessa paternidade, sublevam disputas literarias, muito provavelmente para darem ensejo a um jogo de espirito. E por isso citam Balzac, Baudelaire, Jean Jacques Rousseau... Todos, comtanto que tenham nome francez. Entretanto, a obra prima de Eça, era bastante conhecida em França, onde tinha sido traduzida por Claude Frazac e Jacques Crepet. Mais tarde mesmo, o director da Revista Universal, tendo pedido ao extraordinario escriptor portuguez a permissão de traduzir o "Mandarim", este respondeu-lhe da seguinte maneira:

"Vós quereis dar aos leitores da Revista Universal uma ideia do movimento literario contemporaneo em Portugal, e fazeis a honra de escolher o "Mandarim", um conto fantasista e fantastico, onde se vê ainda, como nos bons velhos tempos, apparecer o diabo embora de sobrecasaca, e onde ha ainda fantasmas embora munidos tambem de bellas tenções psychologicas. Vós tomaes ahi um trabalho bem modesto, e que se afasta consideravelmente da nossa moderna corrente literaria, tornada nestes ultimos annos analysta e experimental. No emtanto, por isso mesmo que essa obra pertence ao sonho e não á realidade, que é inventada e não observada, ella caracterisa fielmente, creio-o, a tendencia mais natural e espontanea do espirito portuguez. Apesar de hoje, a nossa juventude literaria, e mesmo a l g u n s predecessores escapados do romantismo, se applicarem pacientemente a estudar a natureza, fazendo esforços constantes para introduzir nos livros a maior somma de realidade viva, nós ficâmos neste canto illuminado, muito idealistas no fundo e muito lyricos.

Nós amamos apaixonadamente a envolver tudo em azul; uma bella phrase nos agradará mais do que uma noção exacta; a fabulosa Melusina, devoradora do coração dos homens, encantará a nossa imaginação, muito mais do que a humana madame Marueffe e sempre consideramos a fantasia e a eloquencia como os dois signaes, os unicos do homem superior. Se por acaso se lesse Stendhal em Portugal, nunca elle poderia ser saboreado, o que nelle é exactidão, nós considerariamos esterilidade ideias justas, manifestadas numa forma sobria, não nos interessam; o que nos delicia são emoções excessivas traduzidas numa magnificencia plastica de linguagem".

Nessa carta está todo o espirito observador do admiravel creador da "Cidade e as Serras". O subtil conhecimento do seu proprio valor, disfarçava-se com o brilho das palavras; mas em nenhuma ella o deixa transparecer.

Eça conhecia os homens melhor do que ninguem. Sabia que para se ser estimado e admirado, não é mister fazer alarde das suas qualidades intellectuaes. Na sua modestia espirituosa, elle fazia realçar o seu enorme, immenso talento. E aquella figura sarcastica e nervosa, embora conhecesse o seu grande prestigio, conservou sempre discreção devéras notavel, a qual se sentia certamente constrangida, neste seculo jactancioso e postiço.

UMA PALAVRA, APENAS!

CLAUDIO DE SOUZA

SOMENTE agora, nos chega ás mãos o novo livro de Claudio de Souza "Teatro Ligeiro". A critica indigena já o julgou, sufficientemente, elogiando-lhe a graça e ligeireza dos dialogos, o movimento, a vida de suas scenas, a originalidade das idéas e a naturalidade de suas personagens.

Outra coisa não era de esperar de um comediographo como Claudio de Souza, cujas peças foram rapidamente consagradas pela comprehensão e a preferencia do publico.

Em "Teatro Ligeiro", além de varias comedias de pequeno feitio, existem curiosidades chinezas como este pequeno dialogo — "Uma palavra, apenas!" — que aqui reproduzimos.

(Jogo vocabular bastante insipido para uso do leitor que não dispuser de outro motivo de aborrecimento.)

Ela — Sáes?

Ele (calçando as luvas) — Sáio.

Ela — Demoras-te?

Ele — Talvez.

Ela — Clube?

Ele — Clube.

Ela — Ainda?

Ele — Contraria-te?

Ela — Não...

Ele — Desconfias?

Ela — Amas-me?

Ele — Loucamente.

Ela — Jura!

Ele — Juro!

Ela — Fica!

Ele — Impossivel.

Ela — Abraça-me!

Ele — Vem! (abraçam-se).

Ela — Uhpatão!

Ele — Uhpatão!

Ela — Vae!

Ele — Adeus.

Ela — Espera!

Ele — Que?

Ela — Cabelo...

Ele — Ooonde?

Ela (chorosa) — Paa...le...tó...

Ele — Teu.

Ela — Louro?...

Ele — Dá-mo.

Ela (chorando) — To..ooo...ma!

Ele — Te...e...e.

Ela — Louro?

Ele — Tolinha...

Ela — Tola?

Ele — Reflexo.

Ela — Refexo?

Ele — Solar.

Ela — Possivel?

Ele — Vê!

Ela — Mostra!

Ele — Zú...ú...ú...

Ela — Sopraste?

Ele — Viste?

Ela — Não.

Ele — Beijinho.

Ela — Não.

Ele — Siiim... (ouve-se o ruido do beijo).

Ele — Acreditas?

Ela — Outro...

Ele — Toma... (novo beijo).

Ele — Acreditas?

Ela — Acredito.

Ele — Sempre?

Ela — Hoje...

PANO

Terra Gaúcha

Porto Alegre amanheceu.

No mercado, no ponto de parada da Praça 15 de Novembro, na rua dos Andradas, o movimento recomeça.

Os bonds vêm despejando gente. São empregados no commercio, porque a zona fabril está localizada nos "Navegantes", bairro de fabricas e de operarios.

Desde cedo que ha azafama na gare da Viação Ferrea.

Trens que vão e trens que voltam.

Os automoveis se estendem em filas, á espera dos passageiros.

No cáes do Porto, trabalha-se, noite e dia.

As turmas de trabalhadores são trocadas e os guindastes guincham e roncam quasi sem descanço.

Longe, na rua Voluntarios da Patria, nas officinas, ouve-se o barulho do malho na bigorna. E o éco se prolonga: tan.. ..tan.. ..tan... tan...

As garotas da Escola Complementar passam, ligeiras, coradas, bem nutridas, pasta debaixo do braço, a caminho dos seus estudos.

Os "camelots" apregôam a qualidade das sêdas, dos calçados, das casemiras...

No *Café Nacional*, em que reune todo o elemento masculino da metropole gaucha, estão sentados, em torno ás mesas os auxiliares das casas commerciaes, saboreando a preciosa bebida.

Costumam as mais lindas mulheres da Capital, fazer o "footing", diariamente.

São passos elegantes que se encaminham de uma ponta a outra da rua; são sorrisos que se entreabem, como rosas, num jardim; são lindos perfis gregos que obrigam o circumstante cultivar o helenismo.

Voiles, crepes destacam-se no turbilhão heterogeneo de loiras e morenas, de creaturinhas simplesmente lindas, que ao meio-dia se dispersam rumo ás suas residencias.

No abrigo ha muita gente esperando o bond. Na rua Marechal Floriano, defronte a casa Masson, por toda parte se vêem candidatos aos vehiculos dos arrabaldes.

Uns esperam o "Duque de Caxias", o electrico dos ricaços; outros o "Floresta", o "Menino Deus", o "Parthenon", o "Caminho do Meio", o Independencia", o S. João, o "Navegantes".

São zonas da cidade.

A policia civil e a do transito é correcta.

Ha movimento nas casas da cidade: a Livraria do Globo, o Bazar Krahe, A Brasileira, a Confeitaria Rocco, o Rheingantz, o Renner e outras estão cheias.

Anoitece.

Os letreiros a gas "néon" berram reclames originaes.

A Cia. Força e Luz accendeu o seu letreiro luminoso.

Diversas côres.

A cidade se vestiu de sombra e de claridade.

A porta dos cinemas o povo se aglomera.

Os cartazes chamam a attenção.

O Imperial, o Guarany, o Central, o Carlos Gomes, o Apollo, annunciam films em cartazes suggestivos.

Tudo se alegra e revive.

A Vida nocturna vae começar.

A cidade de Porto Alegre é um gaucho que trocou as bombachas por um terno á Principe de Galles e ficou olhando o mundo com a arrogancia de um "gentleman" bem humorado.

HENRIQUE GONZALES

BANHO DE MAR A FANTASIA EM COPACABANA

A commissão julgadora, assistindo ao desfile das fantasias.

Um cordão de pequenas folionas desfilando pelo estrado.

"Casamento caipira", um pequeno grupo que fez successo no banho de mar a fantasia do Posto 6.

Grupo de foliões, desfilando pelo estrado no banho de mar a fantasia em Copacabana.

O CARNAVAL ETERNO

POR que se caracterisam, se disfarçam, se mascaram os "primitivos"? Uma das melhores respostas a este questionario dadas até agora sahiu da bocca de um reporter hespanhol, J. E. de Muragorri, que tem levado annos a viajar por terras já descobertas mas ignoradas.

Em seu pensar, a mascara e a careta, que são tão antigas como a humanidade, são um symbolo com um significado magico. Os selvagens caracterisam-se para as ceremonias religiosas, com o intuito de attrahir a protecção das forças sobrenaturaes. O termo *mascara*, em seu etymo latino, significa *feitiçaria, macumba*.

Os Esquimaos utilisam, nas solemnidades que precedem á caça, mascaras de madeira, representando cabeças de phocas.

E' um meio, crêem elles, de captar a sympathia de sua futura victima.

Certas tribus do noroeste da America, para conseguirem que cesse a sêcca e comece a chover abundantemente, afivelam "mascaras rituaes" ou "mascaras de culto", que vão buscar aos feiticeiros.

Os nomades africanos mascaram os defuntos. Acham que, caracterisados, elles não interromperão a communicação com os que deixaram na terra. Antes de entrarem em combates, adoptam as "mascaras de guerra", afim de aterrorisar o inimigo.

As "mascaras espectaculares" e as "craneomascaras" dos Papuas são impressionantes, mettem medo. As craneomascaras são modeladas sobre o craneo de um defunto, reproduzindo com a maior exactidão as feições que, em vida, tinha o desapparecido.

As indigenas das margens do Chari (Africa franceza) se enfeiam horrivelmente para que não sejam raptadas pelos conquistadores das regiões limitrophes. Em compensação, quando pensam em desposar um conterraneo, ornam o rosto, os braços e o collo com tatuagens "artisticas", que são traçadas com o auxilio de espinhos de laranjeiras.

Uma "beldade" negra que se "enfeiou" com medo de ser raptada.

Mascara representando uma phoca, utilisada pelos selvagens do Alaska em suas caçadas.

Outra mascara de indios sul americanos. Talvez represente o diabo tricorne...

"Mascara espectacular" dos indios kvakiuti, que nada tem a invejar ás celebres mascaras do theatro grego.

"Mascara espectacular" usada pelos "primitivos" das regiões do Onondaga.

Mascara dos selvagens da America do Sul e que se acha num museu da Europa Central.

CARLOS GARDEL

FAZENDO O NOSSO "CARO" PÃO...

GENERAL CONDYLIS

PAOLINO UZCUDUN

DR. CESAR GARCEZ

CAPITÃO IGLESIAS

MINISTRO ODILON BRAGA

● Tres navios conduzindo touristas entraram no porto do Rio de Janeiro. Esses visitantes vêm trazidos pela propaganda do pittoresco do nosso Carnaval.

● O vapor "Pan America", que passou pelo atracadouro da Praça Mauá, trouxe os despojos do mallogrado cantor e actor cinematographico Carlos Gardel, que era conhecido como o "Rey del Tango", para serem recolhidos, na Argentina, ao Pantheon dos Artistas.

● Depois de longas demarches que foram assistidas com verdadeira ansiedade pelos cariocas, ficou resolvida a questão do pão pela concessão do augmento de 100 réis em cada kilo.

● O ministro Odilon Braga, da pasta da Agricultura, visitou inesperadamente algumas repartições de seu ministerio, encerrando, pessoalmente, o *ponto* diario, porque lhe constava estarem occorrendo irregularidades na observancia das disposições legaes sobre comparecimento de funccionarios ao serviço.

● Iniciou-se na Bolivia, sob a orientação do general Penaranda, um movimento destinado a promover a erecção de um monumento em homenagem aos motoristas que morreram a serviço da patria, no Chaco Boreal.

● Na Hespanha está sendo estudada a organização de um batalhão de policias de saias destinado á repressão da circulação clandestina de armas.

● O governo italiano resolveu officializar os serviços de imprensa. Foi creado, para isso, no Ministerio da Imprensa e Propaganda, um departamento espceial.

● A mesa administrativa da Santa Casa de S. Paulo apresentou queixa-crime contra o Sr. Raul Pacheco Chaves, depositario de 476:000$000 arrecadados na *"Campanha do Ouro"* da Revolução Constitucionalista, por ter elle desviado aquella importancia.

● Verificaram-se choques entre grupos integralistas e elementos da colonia israelita, no Rio Grande do Sul.

● Falleceu o general Condylis, que havia exilado o senhor Venizellos. Havendo suspeita de que o politico grego tenha sido victima de envenenamento criminoso, o governo mandou proceder á necropsia.

● Paolino Uzcudun, recentemente vencido por Joe Louis, declarou á imprensa que abandona definitivamente o *rink*. O antigo lenhador basco se mostra bastante abatido.

● Foi incluido no *team* olympico allemão de *hockey* o judeu Rudi-Ball, que em 1933 fôra delle excluido por não ser aryano puro. O facto causou descontentamento tanto nos meios nazistas como entre os judeus radicaes, que entendem que Rudi não deveria ter acceito sua reinclusão.

● Fallece o antigo commerciante gaúcho Sr. Affonso Vizeu, director da Associação Commercial e um dos mais destacados vultos do nosso alto commercio, onde gosava de grande prestigio.

● O Dr. Cesar Garcez apresentou ao chefe de Policia uma suggestão no sentido de ser creada a Policia Federal.

● O governo inglez resolveu incentivar o fabrico de mascaras contra gazes asphixiantes, determinando que até 1937 sejam produzidos 40 milhões desses utensilios de guerra.

● Os estudantes paráenses estão decididos a protestar, sob todas as formas, contra a "Missão Iglesias", que se organiza na Hespanha, para vir *explorar* a região amazonica.

AS DEUSAS DE HOLLYWOOD

Glenda Farrell com um lindo chapéo de feltro persa preto, que se ajusta magnificamente com o manteau de "martre" preto armado nas mangas e na cintura com motivos adequados.

Em cima — Joan Blondell, a apreciada vedeta do celluloide, num magnifico ensemble de sport verde escuro, enfeitado com grandes botões de madeira na mesma côr. Chapéo de feltro tambem vermelho escuro.

Quando visitava o famoso "Busch Garden" de Pasadena (California) a querida *estrella* cinematographica M a d g e Evans foi surprehendida pelo photographo em contemplação deante deste pequeno e bizarro monumento. A linda artista trajava um vestido de lã beige enfeitado com botões de madeira da mesma côr cinto de seda beige tambem. Boina de accordo.

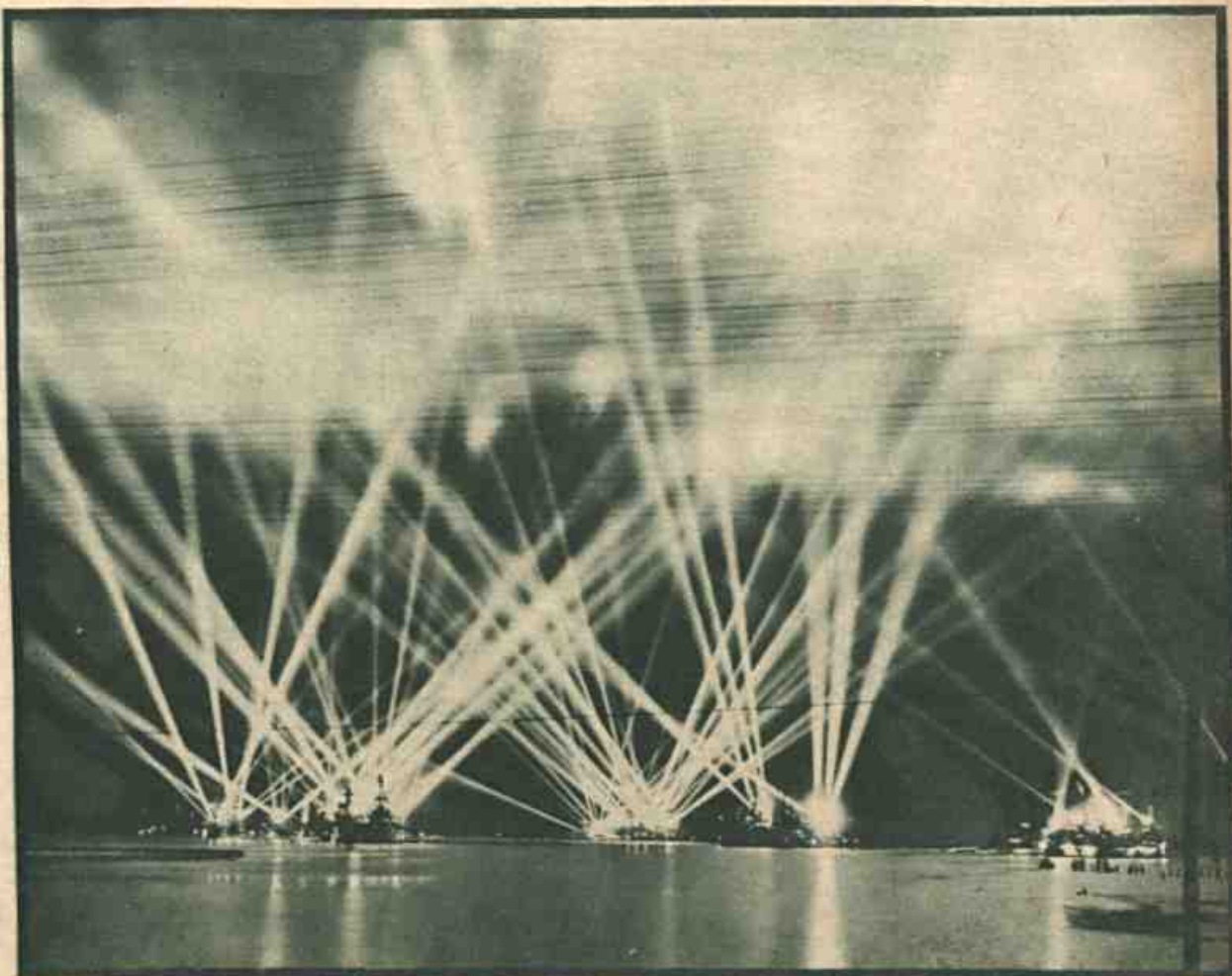
AS ALLEMÃS NAS OLYMPIADAS — Este é o "team" das nadadoras allemãs que vae participar das provas olympicas deste anno. A contar da esquerda veem-se: a Sta. Koehler, campeã europ[illegible]a do mergulho, Jentsch Jordan, Sta. Samson, campeã academica e Herthre Schieche, campeã das mais respeitaveis.

O MUNDO

UM NOVO RIP VAN WINKLE — Washington Irving, num de seus livros de aventuras, apresenta-nos um homem, Rip van Winkle, que deixou crescer a barba durante vinte annos dormindo sempre. Pois agora appareceu em Springfield (E. U.) outro typo curioso: William H. Lord, que esteve atacado do mal de somno por espaço de 10 annos e que, actualmente, age como um automato, conservando os olhos fechados. Os dois clichés mostram-no antes e depois da molestia.

AS PRAÇAS DE DANTZIG — A cidade livre do Baltico é muito bonita, como se pode aferir por esta photographia, que representa a Praça do Mercado, no dia do "meeting" em favor da formação de um novo Volkstag (parlamento)

ESPERANÇAS DA MARINHA ALLEMÃ — Alumnos da Escola de Grumetes, de Prieros, assistindo a uma aula de navegação technica. Alguns destes bisonhos marinheiros foram sorteados o anno passado.

EM BUSCA DE UM HEROE — James Ryan, correspondente da "International News Photos", vae chefiar uma expedição ás brenhas da Guyana hollandeza, com o proposito de descobrir o paradeiro de Paul Redfern, desapparecido ali desde 1927

ADEUS FEERICO — Os navios americanos regressaram das manobras navaes nas aguas de Honolulu (Pacifico). Na noite de sua partida desta cidade, foram projectados sobre o céu 360 holophotes, que proporcionaram o mirabolante espectaculo aqui reproduzido.

EM REVISTA

CORRIDAS HIPPICAS — Disputou-se, no prado de Caulfield (Ingl.), o "Tara Steeple - chase", empatando os dois corredores que iam sempre na vanguarda: "My Talisman" e "Wirate" (na gravura). O 1º foi dirigido pelo jockey F. Douglas e o 2º por A. Fullerton.

COLONIAS DE POLYGAMOS — Na falda das montanhas do Arizona (E. U.) vivia uma população estranha que só veiu a ser conhecida agora devido aos escandalos denunciados pelo Procurador da Republica. Era uma colonia de polygamos, composta de 30 familias, cujos chefes eram em menor numero...

PARA GENEBRA — O Sr. Pierre Laval, ex-chanceller de França (á esquerda) e o Sr. Anthony Eden, ministro do Exterior inglez, photographados no momento de sua partida para Genebra, onde iam apresentar um projecto de paz para a Italia e a Abyssinia.

Onde o Verão é uma festa constante

Digam o que quizerem do mundo, mas a vida não é nada má, emquanto se goza a doce preguiça da manhã, á beira-mar, debaixo de um para-sol.

Está um sol abyssinio: quarenta gráos na areia. Não ha nada como um sorvete, entre dois mergulhos.

Exactamente como naquella fita maluca — "A farra dos De-ses", as tres graças desper- ram do seu somno de marmo- e vieram tomar banho em C- pacabana. A caracter...

Um... dois... Um... dois... Em marcha batida a caminho do Posto 2. Não ha pressa. Sobra tempo para distribuir sorrisos pelos conhecidos que já estão mettidos na areia.

Estas não vieram da Grecia, nem de grupos de marmore: vieram da Allemanha, de Nuremberg, a terra das bonecas louras e perfeitas.

Que é isso? Preoccupação? Algum desastre de automovel? Nada. Apenas, uma conhecida que passa com um "maillot" demasiadamente generoso...

A GUERRA ITALO-ETHIOPE

MAIS OURO PARA A GUERRA

O appello do "Duce", para que todos contribuam, como possam, para a campanha na Ethiopia, tem dado os melhores resultados. Os que não podem combater dão o que têm. As offertas dos Milanezes já montam a uma tonelada de ouro. No cliché: um automovel do Ministerio da Guerra recebendo uma carga de ouro.

A QUESTÃO DO PETROLEO

"Vende-se ou não se vende petroleo á Italia?" Eis a questão que se tem debatido com insistencia no Concilio de Genebra e que vinha sendo sempre protelada. A' mesa: o Sr. Laval (o primeiro) e Sir Anthony (o quarto), que participaram dos debates.

PRISIONEIRO DOS ETHIOPES

O soldado italiano Clemente Sergo, que foi feito prisioneiro após os combates em Ogaden, acha-se agora em Addis Abeba, trabalhando numa officina de mecanico.

EM REPRESALIA ÁS SANCÇÕES

Rodeado de militares e de sacerdotes, o "Duce" deposita, num cadinho de bronze, as allianças de ouro que os habitantes de Pontinia offertaram a Patria, em represalia ás Sancções. Cincoenta mil pessoas presenciaram este acto.

José de Anchieta, o Apostolo de Piratininga

O Apostolo de Piratininga

ASSIS MEMORIA

NAS recentes e grandiosas commemorações do quarto centenario da capital de São Paulo, não teve o relevo, que devia, a personalidade impar, o homem indice, que foi José de Anchieta, o verdadeiro fundador, o creador e, mais do que tudo isto, o Apostolo da Paulicéa. Avulta de tal maneira agigantada a figura excelsa do famoso jesuita, que falar nos primordios da Paulicéa, sem soldar aos mesmos o evangelizador, é um caso tão extranho como falar da *Odysséa*, ou da *Illiada*, sem alludir a Homero, ou discorrer sobre a *Eneida*, sem se referir a Virgilio. Só incidentemente — como si fosse personagem secundaria de comparsaria num drama — o fundador da cidade veiu á superficie do noticiario amplo, do commentario pormenorizado.

Eu sei quanto o generoso povo paulista é cioso das suas tradições e reconhecido aos seus pro-homens. Mais do que ninguem eu sei, por igual, quanto a memoria de Anchieta é grata á gente bandeirante. Foi uma omissão involuntaria, essa.

Sim, porque ao immortal missionario deveria, neste centenario celebre, ser tributada uma homenagem toda especial, toda mui carinhosa e mui digna delle.

Nós sabemos o quanto soffreu o coração immenso do apostolo maximo do Brasil na empresa super-humana, a que metteu hombros, herculeamente, para plantar a semente de uma das mais vigorosas arvores da civilização do Continente.

Nós sabemos, por miudo, que elle, o bandeirante mais audaz da terra paulista, quasi cimentou com o seu sangue e regou com o seu suor abundante a classica terra rôxa, onde ergueu, a poder de esforços ingentes, um dos mais soberbos testemunhos da grandeza, do progresso e da riqueza sul-americana.

Isto quanto ao lado material. Espiritualmente, foi elle, o apostolo fervoroso, quem plasmou a alma do bandeirante.

Deste bandeirante destemido e indomito, progressista e forte, que violou sertões e semeou cidades, desde o planalto do Cubatão até ás vertentes longinquas da Ibiapaba; desde as margens placidas do Tieté ás margens revoltas do São Francisco e do Parnahyba.

E quando Bilac traçou, a golpes de talento, a epopéa destes novos phenicios, a figura do protagonista não é Paes Leme: é Anchieta. Paes Leme, morrendo dentro da visão alucinante do seu sonho verde, da sua illusão de esmeralda, é bem a figura do evangelizador antevendo, com a sua clarividencia de santo, o que seria São Paulo e aquillo que conseguiria, na jornada fulgurante, no itinerario de luz das bandeiras formidaveis, deserto a dentro.

"Tu cantarás na voz dos sinos, nas charrúas,
No esto das multidões, no tumultuar das ruas,
E dominando o olvido atravez das idades,
Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da Patria viverás!

. . . .

Quem ahi está é Anchieta, o modelador, o creador da alma bandeirante. E' elle com a sua projecção luminosa de Apostolo. E' sempre elle com a sua ansia de propagar o bem, de illuminar e de emprehender, desbravando e conquistando pela idéa e pela bondade. Eu espero que São Paulo — a grande terra de Piratininga — erga, em breve, a Anchieta o unico monumento digno delle: um templo, uma cathedral. Um templo, que lhe perpetúe a memoria, uma cathedral que lhe immortalize a grandeza da obra.

PARA BEM ESCREVER A NOSSA LINGUA

A cada momento, ouvimos dizer que o portuguez é uma lingua difficil e que não existem tratados bastante claros e simples sobre as regras de bem escrever o nosso idioma. Os que mais escrevem, são os que mais se queixam dessa lacuna. Entretanto, a grande revista da cultura nacional, ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, tomou a iniciativa de diffundir um trabalho que satisfará a todos os que se empenham em escoimar a sua escripta das impurezas correntes. Desde o numero de 15 do corrrente o primoroso mensario brasileiro está publicando as "Regras praticas para bem escrever", de autoria do professor Laudelino Freire, illustre philologo e escriptor patricio, estudo inédito de que a ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA obteve a exclusividade. Trata-se de um ementario de regras enfeixando tudo o que de fundamental exige a boa escripta.

A ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA publica tambem collaborações inéditas de nossos poetas e prosadores mais renomados e custa, apenas, 3$000 o exemplar.

A' venda em todos os pontos de jornaes e livrarias do paiz.

Estou treinando para "sereia"...

— Um! dois! e...

— Maillot!? P'ra que, maillot?

— Já levei cinco "caldos"!

De sol assim é que eu gosto...

Um banho de agua doce, collectivo Para tirar o sal do mar.

A GENTE MEUDA NAS PRAIAS

Não só as "sereias de bronze" e os "tritões" de musculos curtidos ao sol apreciam as praias da nossa maravilhosa Guanabara. Um sem numero de crianças se agita nas orlas do mar, beneficiando-se do sol maravilhoso e gosando as caricias das ondas pequeninas... que das grandes ellas têm medo... Estes instantaneos são da praia das "Charitás" em Nictheroy, no dia 1º do anno.

A CONQUISTA DO INFINITO

ARY KERNER

. . . .
"e os homens, na ansia de subir, de galgar a região celeste e o poderio de Deus, começaram a construir uma torre que chegasse até ao céo".

E, segundo diz a Biblia, Deus castigou a demasiada ambição humana, confundindo os obreiros que passaram a falar idiomas extranhos e não puderam completar a obra iniciada com tanta esperança e tanto sacrificio.

Mas... Babel continuou a ser o Sonho Eterno do homem.

Ha dois, ha tres mil annos, as creaturas proseguem na conquista do infinito, da vastidão ignota dos céos onde gravitam as estrellas.

Bartholomeu de Gusmão, Santos Dumont, Picard são os continuadores da obra iniciada pelos sonhadores da Babel...

Todavia, os recursos do mais leve que o ar, os progressos incriveis da chimica e da mechanica não tiraram ao homem esse millenar anceio de galgar o infinito á sua propria custa.

A infinidade de perigos, o pittoresco das paizagens, o contacto directo com a Natureza, fazem, por isso, até hoje, do alpinismo, o sport favorito dos homens intemeratos e das mulheres... curiosas e audazes.

...chegar ao alto de uma montanha com os recursos do avião ou do zepellin é o mesmo que obter o coração de uma mulher sem o prazer da conquista...

...sport favorito dos homens intemeratos e das mulheres audazes e... curiosas...

A infinidade de perigos, o pittoresco das paizagens, o contacto directo com a Natureza, fazem, por isso, até hoje, do alpinismo, o sport favorito dos homens intemeratos...

De facto, a difficuldade é que dá o encanto das grandes realizações... chegar ao alto de uma montanha com os recursos do avião ou do zepellin é o mesmo que obter o coração de uma mulher sem o prazer da conquista...

Essa é, em summa, a grande attracção do alpinismo, sport que tantos episodios amorosos provoca entre exploradores audazes e guias humildes, em razão do imprevisto, d'um susto, d'um gesto heroico ou d'um... excesso de frio.

Todavia, os recursos do mais leve que o ar, os progressos incriveis da chimica e da mecanica não tiraram ao homem esse millenar anseio de galgar o infinito á sua propria custa.

Muito se tem escripto sobre esse emocionante sport; porém, as mais bellas paginas sobre o assumpto acabam de ser reveladas pela Cine Allianz com o film "Sonho eterno", que, além de possuir um bellissimo enredo sentimental, interpretado por grandes artistas, é uma producção que empolgou o mundo inteiro e que certamente empolgará, no Brasil, os amantes dos encantos da Natureza.

Historia veridica de Balmac, o primeiro e corajoso aventureiro que galgou a mais alta montanha da Europa, "Sonho eterno" é uma obra prima de arte, toda entrecortada por paizagens ora bucolicas, gigantescas ou bizarras, como a imaginação humana jamais poderia imaginar.

O Theatro Municipal onde será realisado o baile de gala

O baile de gala do Municipal

A alta sociedade carioca vae ter, este anno, uma surpresa sensacional com o *bal masqué* do Theatro Municipal, a realizar-se na segunda-feira gorda.

A Directoria de Turismo e Propaganda da Municipalidade empenha-se em dotar o baile de 1936 de elementos novos de exito e esplendor, capazes de dilatar, de maneira inédita, a fama de que gosa essa festa em todo o Paiz.

Nesse sentido, o Dr. Alfredo Pessoa não tem poupado esforços. A decoração do nosso luxuoso theatro será confiada aos artistas Trompowsky e Valentim. Os serviços de ceia e *buffet* ficarão a cargo da Confeitaria Colombo.

Haverá dois valiosos premios que serão concedidos, respectivamente, á fantasia mais rica e á mais original: o primeiro, um "solitario" no valor de oito contos de réis, e o segundo, uma joia no valor de cinco contos.

Pelo Conselho Consultivo de Turismo da Municipalidade foi escolhido um Comité de Imprensa, composto do Dr. Herbert Moses, pela Associação Brasileira de Imprensa! Berilo Neves pelo Touring Club do Brasil, e Waldemar Bandeira, pelo Conselho Consultivo de Turismo.

Além das fantasias de luxo, serão admittidos os seguintes trajes: casaca, *smocking*, *diner-jacket* e *summer-jacket* (jaquetão branco e calças de *smocking*).

O nosso companheiro Antonio Tiburcio Machado que completou hontem meio centenario de existencia.

ENLACES — Tenente aviador Affonso Fernandes de Araujo e senhorita Arlette Correia de Araujo.

JÉCA-TATÚ... DE BRINQUEDO

"Matteiro que descansa" — *Tirando sua tragada...*

Quando as photographias chegaram, muita gente na redacção pensou que fosse mesmo um *Jéca*. Depois, o engano se dissipou... E', um *Jéca-tatú* só de brincadeira... As legendas não dão o nome; dizem apenas ser este matuto uma "garôta até bastante civilisada".

O facto é que é perfeito o travesti. Veja o leitor si não é?

(Photographias enviadas pelo Sr. Alfredo Lino da Costa, da Bahia, para o concurso photographico "O Brasil de longe").

PRIMEIRA COMMUNHÃO — Maria Thereza de Souza Fragoso Costa, filhinha do D.D. Armando Fragoso Costa, clinico nesta capital, no dia da sua primeira communhão.

Estimulando as verdadeiras vocações

Acaba de ser creada uma vaga gratis no Curso de Piano Celina Roxo Eschmann que será conferida mediante concurso, cada 2 annos, para menino ou menina *sem recursos*, idade minima 7 annos e maxima 11 annos, que demonstre aptidões planistica fóra do commum e que deseje seguir a carreira de pianista. Este anno o concurso será no dia 7 de Março ás 9 horas da manhã, no Studio Nicolas, As peças escolhidas são:

Bach — Invenção n. 8 — Edição Mugellini.
Clementi — Sonata, Op. 36, n. 3 — Edição Mugellini.
Mozart — Marcha Turca da Sonata la maj. (Ed. academica).

Inscripções e informações nas Casas Mozart e Arthur Napoleão — Avenida Rio Branco.

CHRISTO E AS MULHERES

MADALENA

Em casa do fariseu estava a mesa posta e os convivas chegavam. Jesus, entrando nela, tomou logar á mesa. E o repasto servia-se sem incidente, quando uma joven, evidentemente formosa e pecadora, sabendo que o Mestre milagroso ali estava, pôs-se-lhe aos pés, humilde. E o vazo de alabastro com perfume começou a derramar juntamente com as lagrimas. Depois, com o proprio cabelo os enxugava, perfumando-os tambem com o nardo puro, mui precioso. E o fariseu, que isso observava, duvidou em silencio:

"Se este homem fosse proféta, saberia quem é a que o toca e que sorte de mulher ela é, pois é uma pecadora (S. Lucas, 39)."

E Jesus, traduzindo aquela duvida, contou-lhe a historia de dous devedores: um lhe devia quinhentos denarios; outro, cincoenta. A ambos perdoara a divida. Qual deles porém, o mais grato? Simão respondeu que o primeiro, o que devia mais. E ele concordou com o julgamento do fariseu. E, voltando-se para a mulher que o aromava, realçou-lhe a dedicação. Entrara em casa de Simão, e este não lhe déra agua para os pés; mas ela os regou com lagrimas e os enxugou com seus cabelos. Sentara-se á mesa e ele não o osculara; mas ela, desde que entrou, não cessara de beijar-lhe e ungir-lhe os pés. E todos ficaram perplexos com aquela sabedoria, que perdoava as culpas que eram muitas, porque muito era tambem o amor...

A IRMÃ MARTA

Naquela perigrinação de humildade e sabedoria, Ele chegou a uma aldeia, e mereceu a hospedagem solicita de uma mulher chamada Marta. Preocupada com os arranjos da casa, ela preferia continuar o trabalho de todo dia; mas sua irmã, sentada aos pés do Senhor, bebia-lhe os ensinamentos e procurava seguir-lhe as palavras. E Jesus admirou mais a mulher que o escutava que a mulher que o servia. Porque Marta lhe dava o alimento, — que era nada; e Maria, a assistencia, que era tudo.

OSWALDO ORICO Ilustração de Paulo Amaral

tauricefalo

Conto de RENATO HOMEM

A mão gordinha de d. Ofelia bate á porta do banheiro.

— Não demora não, Vasquinho.

Logo em seguida á phrase — tchimbum! — o sabão que estava na mão do sr. Vasco cae dentro dagua que lhe cobre quase toda a barriga da perna.

O sr. Vasco está de pé dentro da banheira. São duas horas e meia e é domingo.

De fóra, do corredor, vem o mole arrastar das chinellas de D. Ofelia. Da cozinha, o tlintlar dos talheres e o currus-pacopapaco do louro.

O sr. Vasco resolve se deitar. Fica só com o rosto de fóra. Que boa que a agua está... Quentinha! Com um suspiro o sr. Vasco murmura: — a vida é boa...

Curiosamente olha a toalha de espumas estendida sobre a agua. E, muito de manso, para não rompel-a, faz emergir a ponta do pé. Afunda-o, repete a manobra innumeras vezes, já distrahido, esquecido de tudo.

Mas a mão gordinha de d. Ofelia bate á porta de novo.

— Olha o jantar, Vasquinho.

O sr. Vasco se espreguiça. Que boa que a agua está... Recapitula com carinho os solidos elementos que fazem a excellencia de sua vida.

Os negocios prosperam. E' considerado na classe e no bairro. D. Ofelia meiga, economica e de boa paz. Nem a differença de idade e de educação consegue. ensombrar-lhe a felicidade que ha cinco annos se estende clara e egual. Que lhe falta então?

O sr. Vasco sorri. Falta-lhe ainda alguma coisa. Falta-lhe um filho gordinho, clarinho, que tenha o bello nariz grego de d. Ofelia, que encha a casa com o delicioso linguajar das creanças, que lhe faça pipi nas calças.

O sorriso do sr. Vasco se accentua á idéa de ter as calças molhadas.

Mesmo porque, pensava elle, um filho une. E' uma ponte no insulamento que, paradoxalmente, ás vezes produz a vida em commum. Por falar em ponte o sr. Vasco se lembra do pivot que até aquelle dia o Gonzaga não collocara. Malandro...

Pela terceira vez na tarde a mão de D. Ofelia bate á porta.

— Vasquinho, o Joaquim já chegou...

O sr. Vasco se alegra sinceramente com a noticia. Gosta do Joaquim, palavra!

O Joaquim é o empregado mais novo da confeitaria. Ha mezes o socio do sr. Vasco quizéra despedil-o. A pretexto de que era um inutil. E o sr. Vasco se zangára. Como o Joaquim, tão activo, tão serviçal, um humilde "sim senhor" para todos os serviços, um inutil?!

Além do mais era intelligente. Dizia-se mesmo, entre os caixeiros, que publicava sonetos.

Para o sr. Vasco isto dava ao Joaquim um ar de superioridade sympathica infinitamente valorizada pela humildade com que balbuciava "sim senhor".

Contando o facto em casa, á hora do jantar, notára com satisfação que d. Ofelia experimentava pelo rapaz a mesma sympathia.

Com certeza, dissera ella, o socio, velho amigo, honesto e bom, tivera um despeito pueril das letras do Joaquim...

Para frizar bem aos olhos do socio a dureza de sua injustiça resolveu augmentar o ordenado ao caixeiro-poeta e convidal-o para fazer refeições em sua casa.

D. Ofelia aprovou logo com enthusiasmo a resolução do marido.

E em pouco o Joaquim tornou-se indispensavel a ponto de ser requisitado para o ajantarado dos domingos.

E elle ia, humilde, sympathico, e enchia o tempo com casos pittorescos, adivinhações, anecdotas que faziam rebrilhar num continuo sorriso os dentinhos brancos de d. Ofelia. A's vezes fazia commentarios politicos ou falava melancolicamente de sua vida. Podiam duvidar, podiam sorrir, mas elle tivera ideaes, desejára ser na vida mais que um caixeiro... Ahi o Sr. Vasco se commovia. E dizia com os olhos humidos: — "Caramba, Joaquim! Você deve estudar. Você deve estudar, é direito!" Mas o caixeiro sorria tristemente a esfarelar o pão. Direito? Quem dera...

Houve, entretanto, um pequenino incidente que collocou o Joaquim definitivamente no coração do sr. Vasco. Foi assim. No café onde toda noite jogava o seu sinuquer, alguem falára, certa vez, num caricaturista que assemelhava os homens aos animaes. E, o sr. Vasco não se recordava se o Gonzaga ou o Freitas dissera por entre risos espremidos: — "A do Vasco é que ficaria esplendida. E' um tauricefalo legitimo!"

Como não soubesse a significação do vocabulo, o sr. Vasco indagára do socio, no outro dia, o que era tauricefalo. E o socio se insinuára com malicia:

— Pergunte ao litterato...

Neste momento, trepado na escada, o Joaquim collocava latinhas de compota na prateleira. O sr. Vasco chamára-o.

— O' Joaquim, vem mostrar que você sabe mesmo!

E elle descera risonho e humilde para junto delles.

O sr. Vasco repetiu a historia. A' medida que falava o caixeiro empallidecia. Labios tremulos, avental torcido nas mãos... Que tinha, perguntára solicito o sr. Vasco. Nada. Uma tonteira. Soffria do estomago.

— Então, Joaquim, diga lá...

E o caixeiro murmurara com voz sumida:

— Tauricefalo quer dizer... cabeça de touro. E' o que se póde chamar uma palavra hibrica. **Taurus,** latim, **cefalé,** grego.

Viu? concluira triumphalmente o sr. Vasco. O menino é bamba! E envolvendo-o num olhar enlevado. Até grego!...

Ahi o socio, fitando-o nos olhos, dissera com sarcastica amargura: — "Cabeça de touro"... E lhe virara brutalmente as costas.

Despeito, coitado!

O sr. Vasco se levanta da banheira e se enrola no roupão.

De fóra não vem mais o mole arrastar das chinellas de d. Ofelia. Nem o tlintlar dos talheres, nem o curruspacopapaco do louro.

Um silencio comprido.

De subito, na sala, moça e cristalina, estala a risada de d. Ofelia, acompanhada em tom discreto pelo riso grave do Joaquim.

Bom rapaz, o Joaquim!

CADÊ O EVOHÉ?

CONTO DE
GALVÃO DE QUEIROZ
ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO

HA cinco annos minha familia pensa que estou louco. Os commentarios se succedem sob as formas mais diversas, e todos lamentam que eu, um rapaz aproveitavel, moço e intelligente, tenha soffrido o que chamam "essa perturbação"

— Pobre Marianno! — murmuram minhas tias solteironas da rua do Bispo, sempre que nos visitam. — Pobre menino!

— E não melhorou, hein?! — exclama infallivelmente o meu tio usurario, o que fugiu, em rapaz, do seminario de Olinda, por causa de uma equilibrista, todas as vezes que, pelo Natal, vem jantar cá em casa.

E todos, em casa concordam:

— Coitado! Pobre rapaz!

Ha um baixar collectivo e unanime de cabeças. E minha mãe chega a chorar algumas lagrimas.

Entretanto, embora isso seja, precisamente, um symptoma de loucura, posso assegurar que tenho o juizo perfeito. E para que não duvidem do que affirmo, vou contar essa historia do principio.

—:o:—

Eu vim do sertão bahiano ha cinco annos, logo depois da Revolução. Nesse tempo, os gauchos davam as cartas, e sendo a minha mãe viuva recente de um legitimo cidadão uruguyanense, tratou de vir cavar — como cavou — aqui no Rio, alguma coisa boa para a familia.

Ao chegar, em Março, hospedei-me no Estacio, numa sordida casa de pensão. E achei no meu quarto, entupindo a gaveta de um armario, alguns jornaes velhos, entre os quaes alguns dos dias de Carnaval. Sem ter o que fazer, passando ali dias inteiros, distrahi-me a ler todos os jornaes. E uma coisa me impressionou: a frequencia, a abundancia, o abuso da palavra "Evohé" em todos os artigos, chronicas, poesias e contos com motivo carnavalesco.

Confesso que não sabia, precisamente, o que queria dizer essa palavra, jamais ouvida por mim lá no sertão. Na ansia de comprehender, fui aos diccionarios, onde travei conhecimento com Euripedes, autor grego, com Pentheu, rei de Thebas, com bacchantes, mênades e eviades, enthusiasmando-me a sério pelo assumpto. E pensei que devia ser muito interessante ouvir aquelle grito, aquelle "Evohé!" excitante e erotico, da bocca das melindrosas cariocas, nos dias de Carnaval.

O tempo correu e veiu, por fim, o meu primeiro contacto com o deus Momo. Fui á primeira batalha, no Meyer, e me veio, instinctivamente á lembrança, o grito das bacchanaes. Ia ouvir agora, com certeza, a população da cidade, embriagada de alegria, a reviver as scenas do Parnaso.

Mas, durante toda a batalha, nem uma só vez ouvi alguem soltar tal grito!

— Ainda não é Carnaval... — pensei.

Entretanto, os jornaes já começavam a trazer, de vez em quando, em chronicas e artigos, a tal palavra...

Passei a ir a todas as batalhas, exacto, infallivel... E nada do "Evohé!"

Os tres dias de loucura descontrolada chegaram; por fim, para alegria da cidade. E á medida que os jornaes e as revistas se enchiam de cabeçalhos em que o "Evohé" era a chapa, indefectivel, ia eu constatando que nem um só folião, em baile, em batalha, em côrso ou onde quer que fossem, nem um só, nem um siquer, gritava "Evohé!"

O Carnaval passou. Mas ficou, dentro de mim, o desaponto, o desconcerto daquella constatação.

Não atinava porque aquelle desencontro afinal, era ou não, o grito das bacchantes attributo do Carnaval?! A imprensa usava-o. Usava-o em tudo e tudo que lhe dizia respeito. E por que não o usavam os carnavalescos?

Esperei outro anno. A mesma ansia, a mesma busca, a mesma pesquisa, o mesmo afan de percorrer bailes e batalhas, de conseguir verdadeiro dom de ubiquidade, para surprehender o primeiro "Evohé" gritado por um authentico folião — fosse lá em Copacabana ou em Madureira, no Assyrio ou ali na Flor do Abacate, na Praça 11 ou no jardim da Praça Paris...

E nada, sempre nada!

A tortura redobrava. Agora já até passava a obsessão. Com o mesmo afan com que um colleccionador de raridades se mette na poeira dos museus, eu me atirava á poeira das ruas cheias de confetti acotovelando a multidão, querendo approximar-me sempre dos grupos mais animados, para pilhar-lhes o "Evohé" nunca surprehendido, tão abundante apenas na litteratura.

E assim o tempo passou. Já não podendo, depois, fiscalisar sózinho, organisei um grupo de auxiliares, pagos de meu bolso, para o mesmo fim. Todos elles rapazes de confiança, eu os mandava correr — quarenta ao todo — as ruas da cidade, entrar em bailes, andar, andar sem rumo ou destino, para ver si alguem ouvia, fosse onde fosse, alguem gritar "Evohé..."

Por tres annos, seguidos, eu fiz isso. Com os dois que andei só, ahi temos cinco. E ha cinco annos que todos, lá por casa, estão seguros que sou louco. Ha cinco annos que todos me lamentam, e commentam o meu "caso" de olhos baixos e molhados...

Asseguro que nunca fui maluco. E asseguro tambem que é a maior tolice do mundo, esse "Evohé" em tudo que se escreve, chroniqueta, verso, conto ou simples noticia, nos jornaes e revistas, pelo Carnaval.

Quem quizer constatar, faça como eu fiz. Correrá o risco de passar por ter miólo molle, e de ser lamentado pela familia. Si tiver tias solteironas e tio usurario, elles se compadecerão. Mas a prova será tirada.

Por um fio...

por Berilo Neves

O telephone é o mais eclectico dos instrumentos da Mecanica: tanto transmitte um soneto de Bilac como o pedido de uma lata de creolina... Nos seus fios tudo passa: promessas de casamento, ameaças, pragas, descomposturas, latim biblico e **argot** da Favella... E' muito commum um namorado perguntar á sua deusa se ella o ama eternamente e ouvir, como resposta, a indagação serena de um açougueiro: **"quer alcatra ou chã de dentro?..."**

—:o:—

Dá-se o nome de **fio telephonico** ao fio de cobre, capaz de ligar, numa fracção de segundo, dois ou mais imbecis (se a linha é cruzada). São as mulheres que mais se utilisam dessa especie de fios, para poderem falar da vida alheia... sem sahir de casa.

—:o:—

Os fios de cobre dos telephones são envoltos em seda para isolar os outros fios das bobagens que são obrigados a transmittir... Nada mais contagioso do que a imbecilidade...

—:o:—

Quando a voz está roufenha, ou é, de sua natureza, aspera e grosseira (a voz das velhas, por exemplo) é costume dos faladores de telephone attribuirem-na aos defeitos da linha **(o telephone está ruim, hoje...)** Ha, até, quem responsabilise o fio pelos erros de grammatica que commette...

—:o:—

O telephone é a mascara da voz e de certas pessoas que temem apparecer á luz do dia, ou mesmo, á luz de uma simples vela estearina. Quasi sempre, realmente, não é negocio tirar a mascara...

—:o:—

As damas que namoram, profissionalmente, ao telephone, são monstros: ou de feiura ou de falta do que fazer...

—:o:—

Chama-se "idiota elevado ao cubo" o cavalheiro que é capaz de se apaixonar pelo fio de voz de uma mulher desconhecida, que, muitas vezes, tem idade, para ser a sua avó, ou a gordura de cinco baleias gordas...

—:o:—

Casar é fazer uma ligação vitalicia, contando, apenas, com a alegria precaria das linhas cruzadas...

—:o:—

Outróra, cruzavam-se as espadas e sahiam, desses encontros metalicos, heroismos immortaes. Hoje, cruzam-se as linhas telephonicas e ouvem-se bobagens em varios tons. Como os tempos mudaram!

—:o:—

O homem solteiro é o homem que vive á espreita de ligações erradas... para pedir desculpas á dona da casa.

—:o:—

Exemplo de uma creatura em optimas condições de ir para o Inferno: uma velha que, em vez de tratar da salvação da sua alma, diverte-se em namorar pelo telephone...

—:o:—

Quando uma mulher precisa de recorrer á eloquencia para se impor, é que lhe falta a mais silenciosa das eloquencias: a belleza...

—:o:—

Dá-se o nome de **automatico** ao telephone em que o sujeito fica neurasthenico da mesma maneira que no antigo, com a differença de não ter ninguem a quem possa passar uma descompostura...

—:o:—

A vida é a antithese de telephone: ligar é facil, desligar é que são ellas...

—:o:—

Só ha uma creatura a quem o telephone nunca deu desillusões: a Light...

—:o:—

Amar pelo telephone é como aprender tango argentino pelo radio: na pratica, nunca se dá um passo certo...

Antigamente, só se conhecia o **fio de voz**. Mais tarde, tivemos a **voz do fio**. Hoje, temos a **voz sem fio** (radio) e o **fio sem voz** (telephone automatico)...

—:o:—

A impassibilidade do **phone** é uma attitude philosophica...

—:o:—

A telephonista é o maior **agent de liaison** que se conhece: por isso mesmo, não póde nunca ir para o céo: approxima entre si tanta gente ordinaria...

—:o:—

O viuvo é o sujeito que tinha uma ligação vitalicia e a quem cortaram essa ligação, dando-lhe, em troca, todos os numeros do catalogo...

—:o:—

Se o fio telephonico não fosse vermelho por natureza, seria vermelho... por vergonha.

Bonecos de THEÓ

SENHORA

SENHORITA...

— Verdadeiramente elegante, apropriado, por conseguinte — não é. O uso de sandalias sem meias é destinado á praia, ao campo, ás excursões e partidas de prazer que se costumam processar em "week end". — Ou aos vestidos de bailes, quando talhados em seda, bellica prateada, etc.

Emtanto...
O Rio está sendo cada vez mais uma cidade balnearia por excellencia.
Assim é que, nem só aos domingos como nos dias de semana se vêem

Para de noite — Elegante vestido de setim rosa abobora.

Para senhora — Vestido de crêpe de seda azul anil, gola rosada, de organdi.

Linho preto e branco, em quadros, para o vestido de cinema Blusa de crêpe verde.

"Déshabillé" de "taffetas".

pedestres, gente de automovel e até de "cara dura" em direcção ás praias, ás piscinas dos clubes do centro e dos bairros da cidade, em rigoroso e resumidissimo traje de banho.

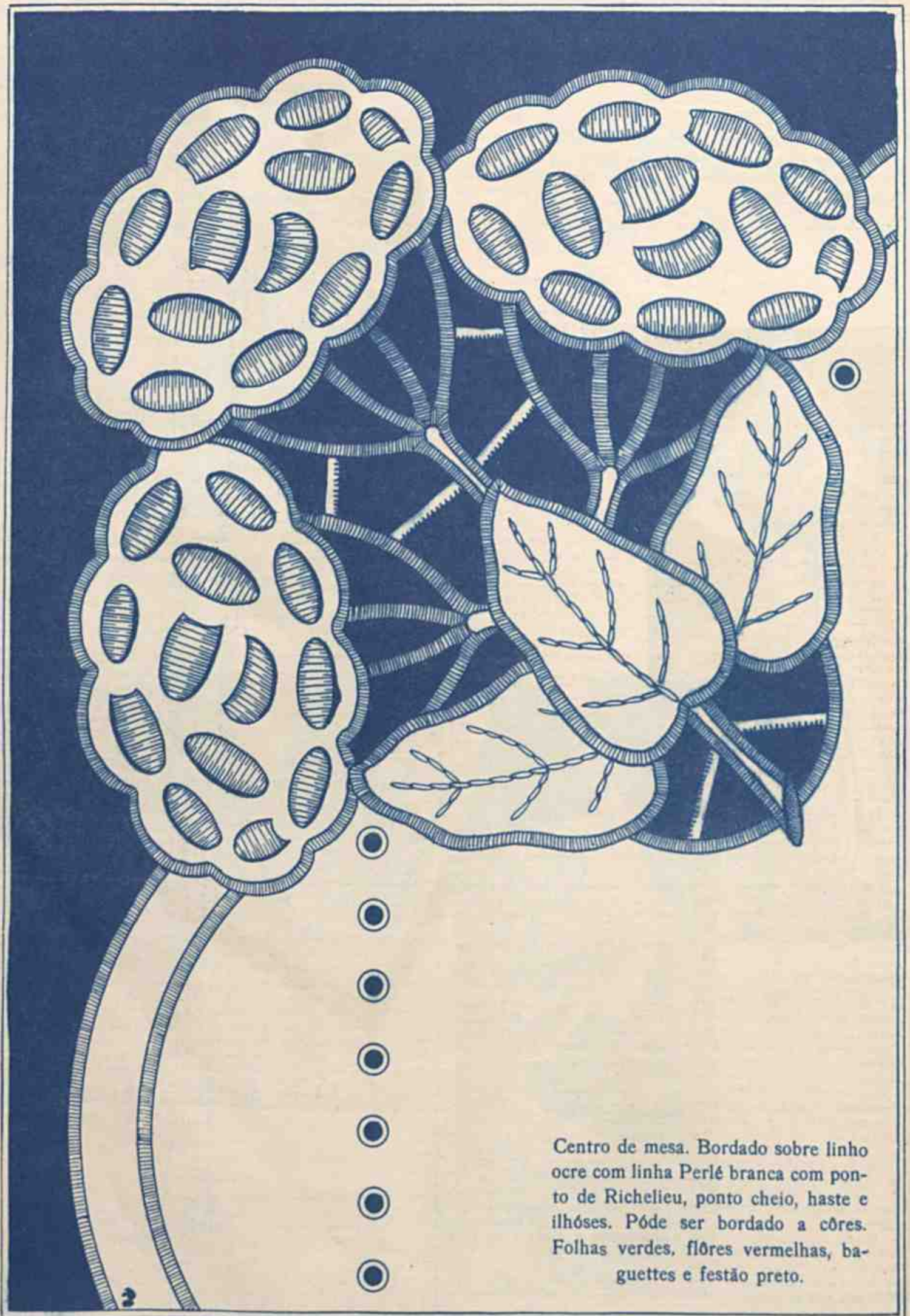
Portanto, minha cara amiga, não se vexe de vestir-se de linho ou de seda leve — calçada de sandalias sem meias — e vir ao "centro" para compras, o cabelleireiro, a manicure e o indispensavel sorvete nestes dias de 40 gráos á sombra.

Sorcière

"Déshabillé" de "taffetas" azul "changeant".

"Liseuse" de crêpe estampado.

Casaco de fustão branco estampado a côres.

Accessorios novos

Centro de mesa. Bordado sobre linho ocre com linha Perlé branca com ponto de Richelieu, ponto cheio, haste e ilhóses. Póde ser bordado a côres. Folhas verdes, flôres vermelhas, baguettes e festão preto.

DE TUDO UM POUCO

Lily Pons
(M. PORTIER)

Lily Pons: nome breve, rapido, gentilmente pueril. E' — ninguem hoje o ignora — o de uma grande cantora. Que lhe fosse promettida a gloria, a celebridade, sobretudo a celebridade vocal, ninguem o imaginaria ha poucos annos. Nem mesmo a encantadora mulher que o usava! E' singular e fabulosa a historia de Lily Pons, tão singular e tão fabulosa que dá vontade de contar, como antigamente:

"Era uma vez..."

Que existia de curioso nessa creança, em Cannes, estudando a sua lição de piano no salão familiar? De sua mãe, italiana de nascimento, herdara a tez quente, grandes olhos negros e um gosto vivo pela musica; de seu pae, grande sportivo (primeiro logar do *raid* Paris-Pekim pela estrada) energica e resolução. Bem dotada pela natureza, intelligente — nada de extraordinario que a enviassem ao Conservatorio de Paris e se tornasse ahi uma alumna distincta. Uma noite de concurso chamam-na a scena: "Mademoiselle, o jury vos confere o primeiro premio de piano". Ella sorri, cumprimenta, o coração batendo: tem quinze annos.

Já não vae mal, mas dahi á gloria que distancia. Só chega ao successo quando, tempos depois, estrella num papel de ingenua, no palco do "Variétés", ao lado de Max Dearly. Depois, abandonando o theatro, eil-a casada em Cannes, descuidada de glorias. Mas, na sua nova e suave existencia, habituada ao trabalho, achou longas as horas. A falta de occupação pesava-lhe: não se póde tocar piano e passear o dia inteiro.

"Por que não tomas lições de canto?" suggeriu-lhe o marido que ouvia muitas vezes, um chilreio de passaro encantar a casa. Foi assim que Cellier, da Opera, viu um dia entrar em sua casa uma joven e elegante senhora, desejosa de occupar as horas vagas exercitando a voz. Esperava-o uma surpresa: a alumna improvisada foi uma revelação: a voz pura, tão debil a principio, desenvolvia-se dia a dia, e, com agilidade sem egual assaltava as alturas mais vertiginosas. Lily Pons, admirada, começou a entrever novos horizontes. Em Paris, perto d'Alberti, iniciou-se nos gorgeios, trilos e vocalizações do "bel canto".

De todas as proezas e "fioriturí" italianas a joven artista triumpha com facilidade e rapidez taes que, em breve, estreia como cantora no theatro de Mulhouse, quasi antes de ter pensado nisso. Ser o idolo de Bordeaux, Nimes, Toulouse e Monte-Carlo, não a contenta mais que alguns mezes, justo o tempo de abrir as asas e experimentar a resistencia da sua garganta de rouxinol. "Deveis ir á America", diz-lhe, certo dia, um empresario new-yorkino. E, corajosamente, eil-a que parte. Affronta em New York directores e "managers", e volta tres semanas depois, trazendo na carteira um magnifico contracto de cinco annos, no Metropolitan House. No dia 4 de Janeiro de 1931, Lily Pons, a menor prima-donna que cantara nesse theatro, era consagrada grande cantora, na Lucia de Lamermoor, opera de Donizetti. E assim é que, "vedette" franceza, descoberta pela America, estreiou em Paris.

Depois disso, não é de estranhar que adore o Novo-Mundo.

— "Povo gentil, vida agradavel, — diz Lily —, a America é o paiz da liberdade; ninguem se occupa com os outros". Com os outros, talvez. Della é que se occupam terrivelmente. Adoram-na ao ponto de terem baptisado uma cidade Maryland—Adams Town — Lily Pons Town. Em New York é tão popular que os seus admiradores formaram um club, e usam de qualquer modo as suas côres, arvorando como insignia um minusculo leque de prata "Lily Pons fan" (a palavra "fan", leque, é tambem abreviatura de fanatico). Todos os jornaes falam della com tal abundancia de detalhes que cada qual pensa conhecel-a intimamente. Ninguem ignora o seu peso — 46 kilos — estatura — 1m.60 — seu regimen, seus gostos. Tanto que, quando na primavera ultima a brilhante cantora teve de separar-se do seu animal favorito "Ita-le-Jaguar", e de confiar a Brown Zoo de New York o cuidado de domar a ferocidade do bicho, uma chuva de cartas consoladoras cahiu sobre a artista: a America inteira chorou com ella!

No entanto, nao devemos imaginar esse destino miraculoso um perpetuo encantamento. De sua propria confissão: "a vida de prima-donna é uma vida de sacrificios". A profissão de idolo não é de repouso. O publico é um tyranno cruel: desde que lhe pertencemos, temos de nos submetter á todas as suas exigencias. Por elle se deve constantemente renunciar ás predilecções, aos sports, ao cinema; por elle se affrontam viagens de 40 horas atravez dos Estados Unidos, passando do frio terrivel do Colorado ao calor abafante de São Francisco; por elle se supporta, em cada representação susto tal, que nunca se consegue cantar sem desejar — ao menos durante o primeiro acto — que o theatro pegue fogo!

Pensae, finalmente, que essa grande artista, adulada, festejada, acariciada, não teve ainda, nos tres ultimos annos, um dia de repouco. Por isso se lhe afigura a mais perfeita das delicias, as ferias tão desejadas que passa junto aos seus, na Riviéra, seu paiz natal. Sem duvida poderá, assim, acariciar á vontade o sonho tão querido que pretende um dia realizar — o de viver numa quinta, perto de Cannes, ignorada de todos, entre flores e animaes.

NOTA: — E' este um dos numeros artigos de interesse feminino do novo *Annuario das Senhoras*.

O estomago das "estrellas"

Regimen para estomagos delicados ou nervosos, seguido por innumeras "estrellas".

Refeição da manhã:

Batata cosida, creme ou leite. Pecegos frescos em fatias, creme ou leite ou pera cosida. Um ovo quente ou poché, sem sal — presunto frito. Uma fatia torrada com muita manteiga. Um copo de leite.

Dez horas: Um copo de leite com um terço de nata.

Almoço: — Peixe com manteiga ou dois ovos (do modo preferido).

Escolha de legumes: espinafres, beringelas, couve-flor, feijões verdes bem cosidos, aspargos, cenouras, pepino, tomates crus ou aipos cosidos.

Sobremesa — Crême de baunilha, sorvete, maçã cosida ou pêra cosida. Uma fatia de pão de regimen, com manteiga. Um copo de leite.

Quatro horas: Um copo de leite com um terço de nata.

Jantar: — Suppressão da sôpa: mas de vez em quando se póde tomar um caldo de ostras.

Carne: costelletas de carneiro ou cordeiro, carneiro ou cordeiro assado, peixe com manteiga, frango ou perú. Legumes: escolhidos na primeira lista e um na segunda:

1.ª — Espinafres, repolhos de Bruxellas, couve-flor, feijões verdes, aspargos.

2.ª lista — Pepinos, cenouras.

De vez em quando: — Beterrabas com manteiga; nabos, feijões brancos.

Salada de fructas cosidas ou tomates crus com azeite doce, sem temperos picantes. Sobremesa: — crême de baunilha, sorvete, ameixas merengadas, maçã cosida ou pêra cosida. Uma fatia de pão de regimen com manteiga. Um copo de leite. Dez horas á meianoite: — Um copo de leite em um terço de nata.

Suppressão total de: — Chá, café, chocolate, cacau, fumo, alcools, bonbons, pastellaria, pudins, assucar, mel, pão fresco, ervilhas, batatas, pepinos pequenos, nozes, carnes picadas, porco, bifteck, vitella, ensopados, massas, biscoutos seccos, sal, pimenta, mostarda, vinagre, carnes e peixes salgados.

Póde-se comer quanto se queira: — Manteiga, azeite doce e creme fresco. Nada comer quando se estiver ennervado ou fatigado. Repousar antes das refeições, não comer depressa, mastigar bem cada bocado, beber ao menos oito copos de agua fresca durante o dia. Repousar depois das refeições da maneira seguinte: deitado de costas, o travesseiro sob os hombros, as mãos atraz da nuca, durante 20 minutos.

Notas de outr'ora

Os romanos conheciam tres especies de tinta, a que chamavam "atramentum", e eram o "libra rium" ou "escriptorium", isto é, a tinta, de escrever o "atramentum sutorium" ou a usada pelos sapateiros, e o "atramentum tintorum ou pictorium" com que os pintores coloriam a tela na infancia da arte.

Um escoliaste de Aristophanes adverte que os "dikastera", ou tribunaes de justiça se designavam em Athenas com as letras do alphabeto, alpha, beta, gamma, etc., e que a letra caracteristica de cada "dikasterion", estava escripta na porta com tinta vermelha, "pyrro bamati". A tinta usada pelos egypcios devia ser evidentemente superior, porque a maior parte dos papyrus que ainda se encontram, estão em muito bom estado.

Os autores mais antigos que mencionaram a tinta são Plauto e Cicero. Plinto dá uma receita para se obter tinta, receita como se vae ver, muito rudimentar, pois consistia em misturar de differentes modos, fuligem com resina ou pez.

Obtinha aquella em quantidades sufficientes, construindo fornos especiaes dos quaes não deixavam sahir o fumo.

Algumas vezes empregavam tambem as fezes do vinho fermentado, segundo refere Vitrubio.

A tinta feita com fuligem, gomma e agua, que é aquella a que se refere Plinio, empregou-se até ao seculo XII.

O primeiro bilhete
(CLEÓMENES CAMPOS)

...c'est là l'Oiseau-Bleu que nous avons cherché!...

MAETERLINCK

Hontem, sonhei comtigo; e hoje bem cedo, quando fui abrindo a janella, ainda enlevado, vi um passarinho azul, no peitoril, cantando... Seria um symbolo? Talvez... Pensei em ti.

Ha pouco (e eis a razão por que te escrevo), relembrava o meu sonho, ao colher uma flor, quando se me depara um quatrifolio trevo. Seria um symbolo? Pensei no teu amor.

PARA GENTE MEÚDA

"Lingerie" florida

Sala de estar

DECORAÇÃO DA CASA

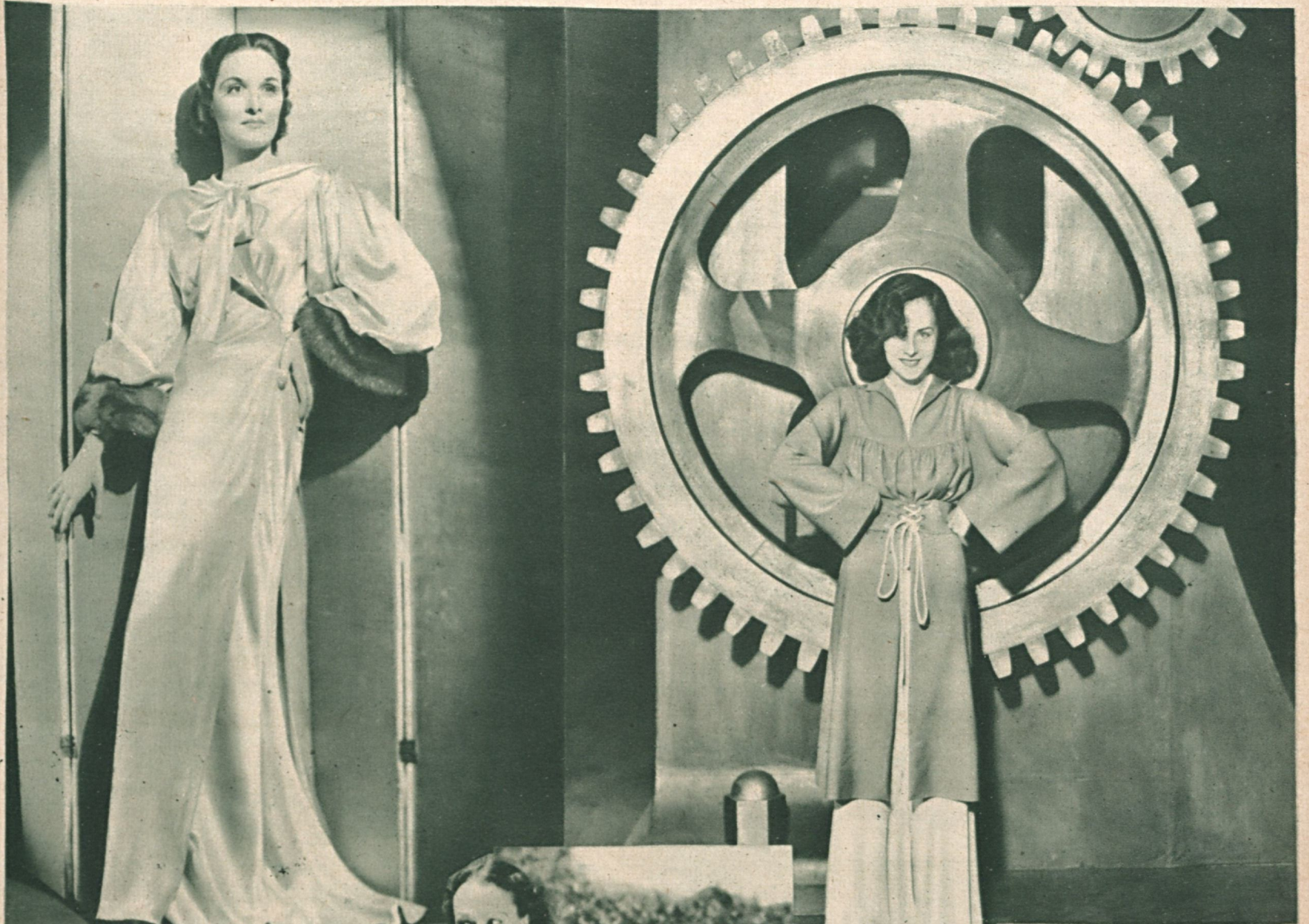
Moderna escrivaninha.

Gladys Swarthout — da Paramount — vestida...

...para de noite...

...para jantar e... cantar.

Gracioso "tailleur" de flanela branca — Frances Drake é o figurino.

Como vestem as "estrellas" do Cinema

Um traje para jogar tennis. Um "deshabillé" de setim e pelle de lontra. Um "saut de lit" moderno — Katherine de Mille e Gail Patrick, da Paramount; Paulette Godard.

Lenita, interessante filhinha do casal Prof. A. Caiado de Castro - D. Moriza Guimarães de Castro, que recebeu por occasião do seu anniversario natalicio muitas provas de carinho. Lenita é netinha do Dr. Gastão Guimarães, Secretario de Saude e Assistencia do Districto Federal.

EXPOSIÇÃO — No saguão do Lyceu de Artes e Officios, de que é applicado alumno, o joven Walter do Nascimento realisou esta exposição, em que figura o busto do pintor A. Tinoco, que se vê junto ao expositor.

VALE A PENA ACORDAR AMANHÃ?

Affonso de Carvalho autor de diversos ensaios de successo, acaba de publicar um romance, sob o titulo — "Vale a pena acordar amanhã?" E' a historia da paixão de um joven medico por uma estranha mulher. O ambiente do romance é o Rio e Petropolis.

O autor aproveita a opportunidade para descrever os aspectos de uma sociedade ociosa, com alguns typos, ora ridiculos, ora interessantes. O estylo passa, facilmente, da descripção a um exaltado lyrismo á Vargas Vila. Isso se comprehende, dada a psychologia romantica da heroina.

E' uma novella que se lê com agrado. O autor sabe conservar o interesse dos seus leitores até o final.

"Vale a pena acordar amanhã?" sahiu em elegante volume, lançado pela Editora Guanabara.

LETRAS FEMININAS — Srta. Haydée Marques Porto, poetisa e escriptora de grande sensibilidade, que allia á intelligencia um grande encanto pessoal.

Belleza e MEDICINA

Alimentos prejudiciaes á saude e belleza

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

Uma das questões scientificas que mais de perto diz respeito á belleza do corpo é a arte de saber alimentar-se.

Muitos pratos lindos á primeira vista e bem enfeitados constituem, entretanto, uma das mais prejudiciaes questões para a saude do organismo. No geral os pratos mais bonitos e convidativos são confeccionados com os peores alimentos para a digestão, que convem dizermos, é uma operação complicada, si bem que ella se processe de uma maneira simples, graças aos succos digestivos produzidos pelo organismo e successivamente incorporados aos alimentos. O apparelho digestivo é uma grande usina que trabalha sem a nossa preoccupação mas, mesmo assim, não é aconselhavel ingerirmos certas qualidades de alimentos difficeis de serem transformados e assimilados. Devemos, pelo contrario, auxiliar tanto quanto possivel a digestão, eliminando das refeições alguns pratos que fatalmente viriam prejudicar a boa marcha dos phenomenos digestivos reflectindo, portanto, de um modo consideravel, na saude do organismo. De um modo geral os pratos que são de difficil assimilação são os responsaveis, ainda, pelo apparecimento de tecido adiposo e essas razões são por demais sufficientes para que os mesmos sejam abolidos de qualquer "menu". Adeante vem uma relação de alguns alimentos de difficil digestão e que podem, tambem, prejudicar a belleza não só do corpo como do rosto. Eil-os: carne de porco, salchicha, presunto, ovos, queijos, cremes, chocolate, etc.

As conservas, principalmente as salchichas, muito prejudicam a bôa digestão.

Carne de porco e feijão constituem uma mistura excellente... para engordar.

Doces, bolos e tortas outros alimentos de difficil digestão.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 79.ª ...GMATICA

CAPITAL FEDERAL

Luiz Augusto Braga, rua 24 de Maio n. 111, casa VII;
Lhelhá Ferreira, rua Ipanema n. 146, casa II;
"Olhos verdes", rua D. Romana 38.

R. G. DO SUL

Danilo, rua dos Andradas n. 454 — Jaguarão;
Hilda Puggina, Av. Benjamim Constant n. 314 — cidade de Rio Grande.

S. PAULO

Alberto Goulart, Caixa Postal n. 203 — Monte Aprazivel.

RIO G. DO NORTE

Ottomar Lopes Cardoso, Caixa Postal n. 38, Natal.

MINAS GERAES

Zizinha Silva, cidade de Muriahé.
José Guimarães, cidade de Ouro Fino.

ALAGOAS

Nelson Silva Junior, rua Epaminondas Gracindo n. 142, Maceió.

Solução exacta da 79ª Carta Enigmatica.

De Voltaire

Os pretensos sabios que matam as paixões em seu coração a pretexto de que querem viver melhor, são comparaveis ao conde Ugolino que devorou os proprios filhos para que não ficassem sem pae.

CORRESPONDENCIA

Solrac Soriedem — A solução muito mal cuidada, cheia de borrões. Não serve.
Washington Pinho (Ponta Porã) e *J. Barros* (Rio) — Approvados.
Marilda Carvalho (Minas) — Sua consulta é ambigua: quer saber quaes os diccionarios usados para *resolver* ou para *organisar* problemas? De qualquer modo, isso ficará ao seu criterio. O que pedimos aos que nos mandam problemas para publicar, é que indiquem sempre os diccionarios de que se serviram, para facilitar os solucionistas. A "Galeria" está esperando o seu retrato, Marilda.

REGRAS PRATICAS PARA BEM ESCREVER

Leia no proximo dia 15, na ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA, o artigo de Laudelino Freire, da Academia de Letras, sobre tão interessante assumpto.

A NOSSA GALERIA

Todos os frequentadores desta pagina podem ver o seu retrato nella publicado, bastando que nol-o enviem, com as respectivas annotações.
Nos enveloppes devem fazer constar sempre: GALERIA DOS DECIFRADORES de O MALHO — Trav. do Ouvidor 34 — Rio.

Georgino F. de Azevedo Paiva, (Fluminense) residente em Juiz de Fóra, Minas, onde exerce o cargo de escripturario do "Aprendizado Agricola do Rio de Janeiro". Fluminense foi o 1º concurrente a attender ao nosso convite para collaborar comnosco na organização da "Galeria".

CARTA ENIGMATICA

São condições para concorrer aos torneios semanaes: Enviar as soluções á nossa redacção, á Travessa do Ouvidor n. 34, cada uma separadamente em uma folha de papel; fazer acompanhar a solução do coupon numerado correspondente, collando-o para que se não extravie, e fazendo constar nelle, legivelmente, nome e endereço.

Os premios são distribuidos por sorteio entre os concurrentes que enviarem soluções certas, e remettidos sob registro, por via postal.

Para o torneio de hoje 10 (dez) premios serão sorteados nas condições acima. As soluções, para entrarem no sorteio, deverão estar em nosso poder até o dia 14 de Março e o resultado será publicado n'O MALHO do dia 26 do mesmo mez.

CARTA ENIGMATICA
Coupon n. 82
Nome ou pseudonymo .. ..
Residencia .. ..